



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UM POSICIONAMENTO A PARTIR  
DA OBRA “VIDAS SECAS” DE GRACILIANO RAMOS**

**JOACILEIDE BEZERRA DE SOUSA**

**Cajazeiras - PB**

**Maió –2013**

**JOACILEIDE BEZERRA DE SOUSA**

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UM POSICIONAMENTO A PARTIR DA OBRA  
“VIDAS SECAS” DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Curso de Geografia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Orientador: Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira**

**Linha de pesquisa: Ensino de Geografia**

Cajazeiras - PB  
Maio – 2013



S725g Sousa, Joacileide Bezerra de.  
Geografia e literatura: um posicionamento a partir da obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos / Joacileide Bezerra de Sousa. - Cajazeiras, 2013.  
65f.

Monografia (Licenciatura em Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2013.  
Contem Bibliografia.

1. Geografia. 2. Literatura- Representações Geográficas.  
I. Oliveira, Aldo Gonçalves de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores.

Joacileide Bezerra de Sousa

Geografia e Literatura: um posicionamento a partir da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada, em Geografia, a comissão julgadora da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovada em: 13/06/2013

BANCA EXAMINADORA

*Aldo Gonçalves de Oliveira*

---

Profº. Ms. Aldo Gonçalves de Oliveira (Orientador)  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

*Josnilton Patrício Rocha*

---

Profº. Dr. Josenilton Patrício Rocha  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

*Rosilene Alves de Melo*

---

Profº. Ms. Rosilene Alves de Melo  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACS  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho da seguinte forma:

A DEUS – criador de tudo, nos propondo sabedoria e inteligência para trilharmos nosso caminho;

A FAMÍLIA – parte fundamental da nossa vida, incentivando e colaborando para a concretização de um sonho pessoal; e

AOS AMIGOS – pessoas que escolhemos para fazerem parte de nossa vida, crescendo juntos e aprendendo a cada momento...

... a vocês eu dedico com muito amor e carinho.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, por sua magnitude e sabedoria por conduzir meus passos para chegar aonde cheguei, pois tenho ele sempre em primeiro lugar em tudo na minha vida, agradecendo pelas coisas boas que me propôs.

Aos meus pais, em especial minha querida mãe Iraci, pela paciência e compreensão de falar-me as palavras certas sempre em momentos certos, sem deixar-me parar no meio do caminho.

Aos meus irmãos Jocival, Jocieuda e Jocineide, por estarem sempre comigo, contribuindo e incentivando para que esse momento se concretizasse com sucesso, mesmo algumas vezes estando longe, sempre foram amigos, companheiros e participativos em minha vida.

Aos meus sobrinhos Deborah Jamilly, Maycon Douglas e Pedro Lucas, por serem pessoinhas lindas e mesmo não estando sempre presente em suas vidas, demonstram amor e carinho quando estamos juntos.

Aos meus familiares próximos e distantes, pois de alguma forma contribuíram para que esse sonho um dia fosse concretizado, mesmo que só com uma palavra de apoio.

A todos os meus amigos, que me davam força e incentivo para não desistir do curso, mostrando que apesar das dificuldades encontradas no caminho, eu tinha um DEUS maior do que essas dificuldades, em especial a minha amiga Eurileny Medeiros.

Aos meus grandes amigos da turma 2007.2, pois assim os considero que durante toda essa caminhada partilharam e partilham da minha admiração e gratidão, que com o passar do tempo passaram de colegas de sala a amigos.

Aos mestres, que sempre contribuíram dentro e fora do campus para enriquecer nossos conhecimentos, incentivando com palavras motivadoras e compreensivas. Em especial o meu orientador Aldo Gonçalves de Oliveira, que teve muita paciência comigo, dando-me força para não desistir e contribuindo para que esse projeto de monografia fosse concretizado.

As meninas da Residência Universitária Feminina (RUF), que ao longo da jornada nos tornamos amigas e confidentes, buscando a realização pessoal de cada uma. Em especial as

residentes Rochelliany (Rochelly), que sempre esteve comigo desde o início de nossa jornada, a Vanessa, Alana, Danielle, Emanuella (Manu), Natália, Gilberlândia (Jubinha), Adna, Elza, Luma, Daniela, Josefa, Andreza, Aline, Risoneide, Islany, Jackeline, Francisca (kika), Janiele (Jane), Maria de Fátima (Fatinha), Wênia, Luislândia (Nandinha), Camila, Jesana, Mary, Raiany, Dayane, Alda, Gleydiane (Gleydinha), Nadelly, Cícera, Simone, Maila, Juma, Maiza, por estarem comigo sempre e me ajudarem quando precisei, assim como tantas outras que passaram por minha vida, como Luana, Adriana, Jéssica, Gilcélia (Nira), Fernanda, Simone, Jocélia e se esqueci alguém me desculpe. Porém, faço um agradecimento todo especial as meninas dos quartos 09 e 10, vocês são pessoas maravilhosas, amo todas vocês.

Aos meninos da Residência Universitária Masculina (RUM), que com o decorrer do tempo nos tornamos amigos.

Aos familiares da minha tia Roselita, por acolher-me no início do curso em sua casa, colaborando de forma bem direta para que esse momento fosse concretizado com satisfação.

Aos meus afilhados, que contribuem com sua motivação e carinho para que chegasse ao fim dessa jornada.

Aos funcionários da instituição, que de forma direta ou indireta colaboraram para realizarmos o sonho esperado, em especial aos do Restaurante Universitário (RU).

Aos motoristas conhecidos e desconhecidos, que nos davam carona sempre que precisávamos para chegar à universidade e durante o percurso para casa, onde tinha dias que eram mais de quatro caronas, sendo de moto ou na maioria das vezes de carro.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram para tornar esse sonho possível...

... eu agradeço.

“Temos que educar para sobreviver, para criticar e para criar”.

Thomas Berry



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações entre geografia e literatura a partir da obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, a partir das possibilidades para o ensino de geografia. Para concretizar tal objetivo, partimos de uma análise discursiva acerca dos enfoques dessas duas áreas do conhecimento, tendo por base a pesquisa bibliográfica que envolve o tema em discussão. Partindo dessa perspectiva de discussão, empreendemos inicialmente a apresentação de alguns conceitos que balizam a organização da literatura, enquanto campo de conhecimento e da dimensão geográfica presente na obra em discussão. A seguir identificamos além dos conceitos, temáticas e práticas ligadas à geografia, bem como representações geográficas encontradas no romance, fazendo um breve resumo dos capítulos que compõem a obra. Tendo como referência a Seca, principal temática geográfica abordada na obra, apresentamos as principais Secas e as políticas públicas voltada para a região Nordeste, mais especificamente para o semiárido, resgatando, dessa forma, o contexto geográfico em que o autor estava inserido, quando da escrita da obra. Considerando a riqueza de representações geográficas contidas no romance, estabelecemos um conjunto de possibilidades para o desenvolvimento do ensino de geografia no Ensino Fundamental, tendo como referência a apresentação de uma proposta para o desenvolvimento de uma atividade de ensino, apresentando objetivos, metodologias, procedimentos e avaliação tendo como foco as relações entre geografia e literatura.

**PALAVRAS CHAVES:** Geografia, Literatura, Representações geográficas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1:</b> Quadro didático .....	52
--	----

## **LISTA DE SIGLAS**

**ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas

**FCARP** – Faculdade Católica Rainha da Paz

**FPA** – Frente Polar Atlântica

**IFOCS** – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

**IOCS** – Inspetoria de Obras Contra as Secas

**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**RU** – Restaurante Universitário

**RUF** – Residência Universitária Feminina

**RUM** – Residência Universitária Masculina

**SUDENE** – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

**UACS** – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

**UFCG** – Universidade Federal de Campina Grande

**VS** – Vidas Secas

**ZCIT** – Zona de Convergência Intertropical

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	11
2 - <b>CAPÍTULO I</b> - GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	14
2.1 - Algumas palavras sobre geografia e literatura.....	14
2.2 – Algumas questões acerca da literatura: Conceitos, tipos e gêneros literários ---	17
3 - <b>CAPÍTULO II</b> - UM OLHAR GEOGRÁFICO DA OBRA “VIDAS SECAS” DE GRACILIANO RAMOS: DESVENDANDO A PAISAGEM LITERÁRIA .....	27
3.1 – Representações de espaço e geografia em Vidas Secas .....	29
3.2 – O contexto social do Nordeste e sua influencia em Graciliano Ramos: alguns apontamentos .....	41
4 - <b>CAPÍTULO III</b> – GEOGRAFIA E LITERATURA: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO .....	46
4.1– Ensino de Geografia e literatura: apontamentos teóricos.....	46
4.2 – Ensino de Geografia e Literatura: uma proposta didática .....	51
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
REFERÊNCIAS .....	59

## 1- INTRODUÇÃO

Existem diferentes entendimentos acerca da literatura enquanto campo do conhecimento, alguns autores apontam sua dimensão artística indicando sua dimensão de subjetividade. Outras perspectivas a colocam enquanto linguagem, considerando as possibilidades de comunicação que a mesma apresenta. Porém, essas duas perspectivas apresentam em comum a dimensão de representação, que está na base da construção do texto literário. Literatura é sempre visão de mundo, perspectiva sobre a realidade (seja ela real ou fantasiosa). Parte, dessa forma, da realidade em que é concebida e construída.

Considerando o potencial de representação da literatura, indicamos a existência de um conjunto de representações de ordem geográfica no livro de Graciliano Ramos “Vidas Secas”. Esse livro é um grande clássico da literatura brasileira, que tem por base de representação um Nordeste permeado pelos problemas sociais e ambientais do fenômeno da Seca. Esse fenômeno, amplamente discutido na geografia, é apresentado a partir das suas dinâmicas culturais, políticas, econômicas e ambientais tendo como referência as representações do autor da obra literária em questão.

Tendo como base essas questões, propomos uma discussão que se encaminha para apresentação de uma análise geográfica da obra tendo em vista a apresentação de possibilidades para a geografia no Ensino Fundamental. Dessa forma, propomos o resgate do papel do leitor, criando oportunidades para o aluno ter contato com a obra literária que pode ampliar o interesse do mesmo na geografia escolar, especialmente no interior da região nordeste, já que a obra aborda o cenário em que o aluno está inserido.

Tendo como referência a pesquisa bibliográfica, objetivando a fundamentação teórica desse trabalho, definimos alguns autores que fundamentaram a discussão aqui proposta. No que se refere às questões que referenciam os elementos inerentes a literatura, tais quais: conceituação, gêneros, enfoque e perspectiva histórica partimos de autores como Ramos (2011); Bosi (2006); Coutinho (2007); Eagleton (1997 - 2006); Souza (1986); Wellek e Warren (2003). As discussões que centralizam a geografia enquanto campo do conhecimento e olhar acerca da literatura são sintetizados a partir da leitura das obras de Santos (2006 e 1996); Garcia (1985); Andrade (1998); Ab' Saber (2006); Rodrigues (2008). A apresentação das possibilidades metodológicas para o ensino de geografia são sintetizadas por Pontuschka (2009; Germano (2008); Almeida (2008); Brasil (1998). Silva (2008) e Nascimento (2010)

fundamentam os questionamentos sobre as secas que envolvem o semiárido nordestino brasileiro. Pensando a discussão proposta, a partir desses diferentes eixos que se relacionam, esse trabalho foi estruturado em três capítulos para proporcionar um entendimento do contexto geográfico e literário em que a obra se insere.

No primeiro capítulo, intitulado: "**Geografia e Literatura: Uma abordagem metodológica**" discutiremos as relações entre geografia e literatura enquanto campos de conhecimento, tendo em vista apontar algumas questões acerca das possibilidades de análise geográfica de obras literárias. Para fundamentar essa discussão estabelecemos uma reflexão acerca dos conceitos, tipos e gêneros literários, tendo em vista compreender como a construção literária apresenta representações do espaço passíveis de serem compreendidas a partir de um olhar geográfico. Aprofundando ainda mais a discussão apresentamos alguns momentos da construção histórica da literatura brasileira, que tem em vista apontar os contextos espaciais em que foram produzidas.

No segundo capítulo: "**Um olhar geográfico da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos: desvendando a paisagem literária**" enfocaremos elementos de representações geográficas verificadas na obra em questão, com a leitura da paisagem que vai sendo construída ao longo dos treze capítulos. A partir disso, apresentamos uma pequena reflexão acerca do cenário que o autor presenciou e que influenciou na escrita da obra, quais as principais secas e políticas que foram criadas para a população do semiárido durante esse período, já que a obra enfoca a região nordeste, a seca, a fome, a miséria etc. no início do século XX.

No terceiro e último capítulo "**Geografia e Literatura: possibilidades para o ensino**", propomos uma metodologia para o ensino de geografia a partir da literatura, tendo como referência um conjunto de procedimentos didáticos que visam subsidiar o processo de ensino, tendo em vista uma aprendizagem significativa.

Poderíamos utilizar outros fatos dentro do nosso estudo, como por exemplo, realizar pesquisa com drama, tragédia ou até mesmo poesias, mas o nosso foco real é o cenário em que a obra foi escrita, cenário esse que mostra o espaço, a paisagem, o lugar, a seca, a cultura, o meio em que está sendo desenvolvida a história. Portanto, vemos a literatura como uma ferramenta muito importante para desenvolver a geografia no ambiente escolar, procurando através de obras literárias o interesse por parte dos alunos a buscar conhecer o passado e relacionar com o presente. Considerando que esse trabalho parte de uma perspectiva

inovadora, tendo em vista apontar questões acerca do ensino de geografia e as relações com a literatura, ressaltamos o leitor que trata-se de uma pesquisa inicial, onde muito mais que aprofundamentos, suscitamos questões acerca das relações, configurações e debates que permeiam geografia e literatura.

## **2 - CAPÍTULO I – GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA**

### **2.1 Algumas palavras sobre geografia e literatura**

A partir da compreensão de que a Geografia é uma “ciência humana” e o espaço geográfico, produto das relações humanas, é objeto de estudo dessa ciência (GEORGE, 1965, s.p. apud RODRIGUES, 2008, p.31) e da ideia que a “literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético” (COUTINHO, 2007), indicamos a necessidade de analisar algumas abordagens de uma pretensa relação entre esses campos do conhecimento.

Entendemos, dessa forma, que a partir da definição e dos elementos que constituem a produção literária, podemos identificar conceitos, temáticas ou até mesmo práticas ligadas à geografia. Seguindo nessa busca, iremos analisar a obra do escritor Graciliano Ramos: “Vidas Secas”, onde o mesmo faz uso de uma representação do Nordeste e de um conjunto de elementos que compõem esse espaço. Porém, para iniciar esse debate, faz-se necessário definirmos o objeto de estudo da geografia, tendo em vista a compreensão da análise feita acerca da realidade, tendo como base o olhar desse campo do conhecimento.

Entendemos, dessa maneira, que o objeto da geografia é o Espaço Geográfico e para compreendermos a noção de espaço utilizaremos o conceito de Santos (1996), onde o mesmo apresenta o espaço como um dado que condensa elementos físico/naturais do passado e do presente, seja ele como testemunha de acontecimentos que marcaram e conseqüentemente participaram da dinâmica social, contribuindo para a atual configuração do espaço.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 1996, p. 122).



Com isso, Santos (1996) reflete o espaço enquanto um conjunto de formas que se constituem com o passar do tempo, a partir das relações sociais em suas mais diferentes dinâmicas, criando diferentes configurações, o que exige que tenhamos um olhar analítico acerca do espaço, tendo em vista a compreensão de como ele influencia e é influenciado a partir da dinâmica da sociedade, já que o mesmo influencia nossas representações. “O espaço, portanto é um testemunho, ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada” (SANTOS, 1996, p. 138).

A Geografia, dessa forma, se consolida enquanto campo de conhecimento no espaço, devendo ocupar-se em pesquisar como o tempo se torna espaço, tendo como referência a construção de diferentes paisagens, ou seja, diferentes configurações visuais. Entendemos, dessa forma que o tempo passado e o tempo presente tem, cada qual, um papel específico no funcionamento espaço atual (SANTOS, 1996, p. 105). Vale salientar, nesse sentido, que as diferentes representações de espaço são um dado importantíssimo para compreender as diferentes dinâmicas assumidas pela sociedade, pois é construído a partir das necessidades da sociedade (SANTOS, 1999).

Considerando a relação do espaço com as representações constituídas no seio da sociedade, indicamos que a literatura também tem por base uma dimensão de tempo e espaço, uma vez que as representações apresentadas por escritores em suas obras têm como referência as representações que constroem ao longo de um tempo histórico a partir da sua relação com o espaço. Essa ideia se fundamenta na premissa de que o autor usa uma linguagem para relatar o que aconteceu no tempo atual ou durante séculos, colocando o momento em que o indivíduo está vivenciando para relatar o cotidiano e tudo ao seu redor, pois “a literatura surge sempre onde há um povo que vive e sente. É função de seu espírito peculiar” (COUTINHO e COUTINHO, 2004, p. 31). Se configura, dessa forma, enquanto uma linguagem acerca da representação de espaço do indivíduo, já que “comunica” uma dimensão de percepção do espaço por parte do indivíduo, a saber, o escritor.

Ao falarmos em linguagem, indicamos que ela faz parte da literatura, pois “a literatura é uma linguagem carregada de significado” (POUND, 1982, p. 33). Perante essa afirmação colocamos a fala de Eagleton (1997, p.06), que aborda a linguagem literária dentro do seguinte contexto: “[...] consideram a linguagem literária como um conjunto de desvios da

norma, uma espécie de violência linguística: a literatura é uma forma “especial” de linguagem, em contraste com a linguagem “comum”, que usamos habitualmente”.

A linguagem literária é vista como um padrão de palavras sem formação linguística, ou seja, um conjunto de palavra que não tem uma interlocução verbal formal, pois é utilizada / constituída a partir de um conjunto de palavras usadas no nosso cotidiano, ou seja, a literatura se faz, entre outras coisas, a partir da relação que o indivíduo (escritor) estabelece com a realidade que o cerca, apontamos, nesse contexto, para a premissa que toda literatura tem "um pouco" de geografia.

Tendo como referência a relação da geografia com a literatura, procuramos debater alguns elementos relativos à obra literária nacional, “Vidas Secas” de autoria de Graciliano Ramos, enfocando o Regionalismo Nordestino, ou seja, partiremos da busca pela compreensão da representação de espaço através de uma obra que mostra uma dimensão real sobre o nordeste brasileiro.

Por isso necessitamos enxergar através da geografia, a representação da realidade colocada no texto literário, tendo como principio o estabelecimento de reflexões acerca da obra em foco.

O pensar geográfico é sempre um empreendimento inacabado e complexo, que exige uma posição do sujeito frente à realidade vivida. Dar vida a geografia por meio da literatura é buscar compreender o espaço-tempo como modo de ser do homem no mundo. Assim, a relação interdisciplinar entre geografia e literatura possibilita a aquisição de novos modos de compreender o mundo, criar novas atividades e reflexões para o ensino desta disciplina na escola. (MEDEIROS e SOUZA, 2008, s.p.).

A literatura, como as demais formas de artes, linguagens ou expressões culturais, se constitui a partir do real, dessa forma, promove um movimento de representação de frações do real para contar uma história, “a literatura é o meio para a comunicação de uma visão ou experiência da realidade” (COUTINHO e COUTINHO, 2004, p. 39). A obra Vidas Secas requer o conhecimento das condições específicas do cenário Nordestino (MOISÉS, 1994, p. 35), apresentando fatos geográficos que são indícios de criações representativas. A obra é escrita em forma de romance, e faz uso da representação de elementos presentes no espaço geográfico, tais como vegetação, casas, ruas, animais, pessoas que compõem o espaço real, ou seja, a obra literária cria o que podemos chamar de "paisagem literária".

Com relação a isso, Santos (1999, p. 83) diz que: “Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de forma que, num dado momento exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”. Com isso, o espaço é apresentado dentro do contexto como noção de tempo. A literatura faz uso dessa noção de tempo para se constituir enquanto representação da realidade, tendo, dessa forma, relações com o espaço. Consolidando assim, o encontro entre o espaço e a representação literária que é a paisagem, pois a paisagem fornece a ligação para explorarmos as relações entre geografia e literatura.

Portanto, o estudo da literatura e da geografia não é uma atividade direcionada para um único objetivo. Isso porque o fenômeno literário e/ou geográfico envolve uma série de questões que vão desde sua visão teórica, sua filosofia, passando pelo terreno dos procedimentos críticos, dos quais a história conheceu inúmeras modalidades, principalmente a literatura, caminhando para o fundo histórico das obras e para as condições que cercam a criação (desde sociais até psicológicas) (GONÇALVES, 2005). Partindo disso, faz-se necessário a definição de conceitos e gêneros literários, para compreendermos e trabalharmos junto à geografia e a literatura em uma mesma abordagem metodológica, ressaltando também a obra de Graciliano Ramos “Vidas Secas”. Cabe, nesse sentido, compreender algumas especificidades da literatura, tendo em vista o estabelecimento de um olhar da geografia acerca dessas representações.

## **2.2 – Algumas questões acerca da Literatura: Conceitos, tipos e gêneros literários**

A língua é uma importante ferramenta para conhecermos nosso objeto de estudo, a literatura. Pois a língua é o instrumento transmissor que emite e traduz sons de culturas diversificadas “É matéria de grande valor, algo significativo, pois é uma criação e o homem forma um conjunto de aprendizagens através dessa criação e de suas diferentes culturas” (WELLEK e WARREN, 2003, p.14), refletindo sobre isso, os autores complementam o seu pensamento:

A língua é o material da literatura, como a pedra ou bronze são da escultura, as tintas o da pintura, os sons os da música. Devemos perceber, porém, que a língua não é

mera matéria inerte, como a pedra, mas é, ela própria, uma criação do homem e, assim, carregada com a herança cultural de um grupo lingüístico (WELLEK e WARREN, 2003, p. 14).

Através da língua podemos identificar a cultura existente de um povo. Com isso buscaremos identificar as diferentes dimensões de cultura no texto literário em discussão. Buscando o conceito o que é literatura? Temos que considerar diferentes autores como Eagleton (2006), Coutinho (2007), Wellek e Warren (2003) Moisés (1984), entre outros que tratam dessa temática.

Segundo Eagleton (2006, p 12) “a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido”, ou seja, a literatura abre espaço para diferentes interpretações, seja sobre qualquer tema, pois traz uma possibilidade de construção de uma representação do espaço através da leitura.

Wellek e Warren (2003, p.14) falam que o termo “literatura parece melhor se o limitarmos à arte da literatura, isto é, à literatura imaginativa”. Eles abordam o termo a partir da dimensão imaginativa, criativa, conotativa, algo como ficção, e como eles dizem “literatura imaginativa”.

Já Souza (1986) diz que “a literatura é objeto de uma problematização, de um questionamento, apto a revelar a superficialidade da atitude para a qual ela corresponde apenas a uma difusa e culturalizada, sendo o obvio, portanto”. Outro conceito colocado por Souza (1986) diz que “a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental”. Enquanto isso, Moisés (1981) fala que “literatura é a expressão, pela escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginativa”.

Esses conceitos apresentam em comum o seguinte ponto de vista: a literatura se apresenta como um sistema de representação, que se constitui a partir de diferentes culturas. Com isso concordamos com os autores ao definir a literatura como parte da cultura do individuo, mas também do imaginário ou da literatura imaginativa. Portanto, são junções da cultura com o imaginário, elementos que condensam a noção de tempo, que buscaremos trabalhar as representações a partir da obra escolhida, tendo como referência, o que chamamos de “Paisagem Literária”. Cabe, nesse sentido, destacar:

O que sobrepõe na definição e caracterização de uma literatura é a experiência humana que ela transmite, é o sentimento, é a visão da realidade, tudo aquilo de que a literatura não é mais do que a transfiguração, mercê de artifícios artísticos. E quando essa realidade, essa experiência, esses sentimentos são novos – a literatura que os exprime tem que ser nova, outra, diferente. (COUTINHO e COUTINHO, 2004, p. 132).

Para fundamentar essa discussão em torno do conceito de literatura, tendo como referência a diversidade de interpretações acerca do mesmo, Souza (1986, p. 41) diz que a literatura foi dividida em dois momentos distintos, históricos e significativos, que apresentam sentidos a partir do momento em que surgiu:

Com relação à palavra literatura, podemos considerar dois significados históricos básicos: 1º) até o século XVIII, a palavra literatura - , significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler, cultura do homem letrado, instrução; 2º) da segunda metade do século XVIII em diante, o vocábulo passa a significar produto da atividade do homem de letras, conjunto de obras escritas, estabelecendo-se, assim, a base de suas diversas acepções modernas (SOUZA, 1986, p. 41).

A partir dessa repartição entre os dois momentos da literatura colocados acima observamos que antes a literatura era vista como técnica da escrita, tendo o domínio das letras, possibilitando a escrita. Já depois do século XVIII, ela passa a ser enxergada enquanto área do conhecimento, responsável por pensar as obras escritas em suas mais diversas características. Havendo uma mudança de significado, já que o segundo termo amplia a noção de literatura na direção de um campo do conhecimento responsável pelas reflexões em torno da arte/ofício de produção de textos (romances, contos, etc.).

Deixando um pouco os conceitos de literatura de lado e partindo para os gêneros literários, conseguimos entender a partir da reflexão que Wellek e Warren (2003, p. 306) fazem sobre gêneros literários. “O gênero literário não é um mero nome, pois a convenção estética da qual participa uma obra forma o seu caráter. Os gêneros literários “podem ser considerados imperativos institucionais que coagem e são coagidos pelo escritor”.

Segundo Wellek e Warren (2003), refletimos que os gêneros literários são determinados a partir do escritor, ou seja, a partir daquilo que é escrito esteticamente, pois o fenômeno artístico ou lingüístico surge para formar ou dá forma a algo novo. Para relacionar os textos criados na literatura considerados gêneros literários, foram organizados como textos em versos e prosa (SOUZA, 1986). Os versos são denominados poemas, escritos em versos.

Já os textos em prosa são denominados/construídos em linha reta, organizados por parágrafos, capítulos, feitos em forma de frases (SOUZA, 1986).

É importante ressaltar o que Coutinho (2007) fala sobre gênero, representando-o pela estrutura que é feito, e pelo tema e tipo narrativo que é lido.

Um gênero representa um sistema de artifícios ou convenções estéticas, manipulados pelo escritor e inteligíveis ao leitor, e que, tanto pela forma exterior (estrutura, padrão métrico, etc.), quanto pela forma interior (atitude, tema, tipo narrativo, etc.), emprestam a certas obras uma fisionomia comum que as agrupam naturalmente (COUTINHO, 2007, p. 65).

Os gêneros literários foram classificados por Platão e Aristóteles (SOUZA, 1986), desde a Antiguidade para representar o questionamento literário, que foram divididos em grupos, mas Coutinho (2007, p. 66) mostra que, “[...] os gêneros literários limitam-se a quatro grupos, constituídos em torno de algumas tendências primordiais: literatura ensaística, literatura narrativa (ficção e epopéia), literatura dramática (tragédia e comédia) e literatura lírica”.

O gênero narrativo também considerado épico é caracterizado por um narrador, este conta à história ou fato acontecido. São textos longos, que falam de acontecimentos e aventuras. Suas modalidades são romances, fábulas, novelas, contos, epopéias, crônicas e ensaios. O gênero lírico coloca a expressão do eu lírico, manifestando emoções do autor. É colocado em forma de versos, pois fala da musicalidade existente nas palavras. Tanto o gênero épico, como o dramático podem se utilizar os versos. Já o gênero dramático é apresentado em forma representativa, ou seja, é representado em forma de peça teatral, dramatizado por personagens através de encenação (WELLEK e WARREN, 2003).

Para compreendermos um pouco mais a literatura, temos que fazer um breve levantamento sobre as características das obras. Pois os autores colocam em seus escritos representações de fatos históricos da época em que se encontravam, movimentos e conflitos da época como sociais, econômicos e políticos. Colocando-se em diferentes escalas de tempo, ou seja, subdividindo o tempo de cada escola literária podemos ver um pouco de cada uma.

Essas escolas literárias ficaram divididas como: o Quinhentismo/Renascimento (séculos XV a XVI), o Barroco (séculos XVI a XVII), o Arcadismo /Iluminismo (séculos

XVII a XVIII), o Romantismo (séculos XVIII a XIX), o Realismo/Naturalismo (séculos XIX a XX), o Simbolismo e o Modernismo (séculos XIX a XX). Cada um desses gêneros carrega, dessa forma, a dinâmica de representação de seu tempo (COUTINHO, 2007).

O Quinhentismo (séculos XV a XVI) foi considerado o primeiro movimento literário do Brasil, porém não apresentava nenhum escritor brasileiro. Esse movimento surgiu no início da colonização do Brasil, antes de ser descoberto pelos portugueses. Dada informação foi tida por viajantes e missionários europeus, sendo que esta não era considerada literatura, mas sim histórias de observadores para futuramente se tornar arte, como diz Bosi (2006, p. 13):

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro. Enquanto informação, não pertencem à categoria do literário, mas a pura crônica histórica e por isso, há quem as omita por escrúpulo estético ... no entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo de visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra arte. (BOSI, 2006, p. 13).

A arte encontrada na época dos primeiros escritos sobre a história do povo brasileiro não é tida como literatura, pois como diz Bosi (2006) é considerada apenas arte. O Renascimento é a transição para o Barroco, como mostra Coutinho (2007) é periodização para um novo estilo literário e para uma nova época.

O Renascimento caracterizou-se pelo predomínio da linha reta e pura, pela clareza e nitidez de contornos. O Barroco tenta a conciliação, a incorporação, a fusão... do ideal medieval, espiritual, supra-terreno, com os novos valores que o Renascimento pôs em voga: o humanismo, o gosto das coisas terrenas, as satisfações mundanas e carnavais... Daí nasceu o barroco, novo estilo de vida, que traduz em suas contradições e distorções o caráter dilemático da época, na arte, filosofia, religião, literatura (COUTINHO, 2007, p. 93).

O Barroco se inicia no Brasil no século XVI até o final do século XVIII (COUTINHO, 2007), com a publicação de Prosopopéia de Bento Teixeira que se torna o grande marco da literatura no Brasil, sendo o primeiro autor da literatura brasileira. Representou diversas artes tidas nesse momento como a pintura, a arquitetura, a música e a própria literatura (BOSI,

2006). “Com valorização da literatura jesuíta... avulta o significado da obra de Anchieta<sup>1</sup>, situado o doce evangelizador do gênio como o fundador da literatura brasileira” (COUTINHO, 2007, p. 88). Nesse período foram gerados inúmeros conflitos, utilizando-se algumas figuras de linguagem como hipérbole, metáforas e antíteses. Podemos destacar durante esse período outros autores como Gregório de Matos Guerra, Padre Antônio Vieira, Manuel Botelho de Oliveira, Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, entre outros (BOSI, 2006).

Ainda falando desse momento da literatura, é de grande importância falar que “O Barroco é, portanto, o estilo artístico e literário, e mais do que isso, o estilo de vida, que encheu o período compreendido entre o final do século XVI e o século XVIII” (COUTINHO, 2007, p. 97). Porém, no século XVIII aconteceu o declínio do Barroco, fazendo surgir assim uma nova época. Com proveniência Italiana, nasce o Arcadismo (COUTINHO, 2007, p. 129).

O Arcadismo também conhecido como neoclassicismo surgiu no século XVIII e foi até o século XIX, com elevação nos fatores políticos e sociais, ficou conhecido pelo objetivismo e a soberania da razão, tendo uma linguagem menos complexa e de fácil entendimento (BOSI, 2006). Nesse período ficaram conhecidos os escritores brasileiros Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, Tomás Antônio Gonzaga, entre outros, que classificaram-se como “os poetas da chamada escola mineira” (COUTINHO, 2007, p. 133).

O Arcadismo confunde-se com o que hoje se chama de Rococó literário: culto sensual de beleza, afetação, refinamento, frivolidade, elegância, linguagem melódica e graciosa, sentimentalismo, lascívia, gosto da natureza, intimismo, valorização da vida pastoril e bucólica (COUTINHO e COUTINHO, 2004, p.137).

Até surgir o Romantismo, no século XIX, período em que se dá a completa autonomia literária brasileira, foi graças justamente ao espírito Arcádico, que se formou uma etapa de transição, que se manteve o ideal nativismo, dando um passo avante, e contrabalançando a tendência passadista do Neoclassicismo, cuja marca exterior mais forte foi o gosto da linguagem arcaizante, quinhentista, dita “clássica” (COUTINHO e COUTINHO, 2004).

---

<sup>1</sup> José de Anchieta foi um padre jesuíta espanhol que atuou na catequização dos índios e evangelização no Brasil durante a segunda metade do século XVI. Foi um dos fundadores da cidade de São Paulo e do colégio São Paulo.



Já o Romantismo surgiu no fim do século XVIII ao início do século XIX, tendo como foco a poética romântica e uma linguagem espontânea dos autores. Esse período deu início com escritores como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, José de Alencar, entre muitos outros, mas como ressalta Coutinho (2007, p. 159) o escritor de grande destaque foi “Domingos José Gonçalves de Magalhães, o Visconde de Araguaia [...] no seu primeiro livro de poesias (1832)”.

É de grande importância ressaltar que durante o Romantismo ocorreu o espírito vitorioso que fora com a Independência, em 1822, intensificado pela permanência da Corte Portuguesa no Brasil desde 1808, período de grande progresso em todos os setores da vida brasileira (COUTINHO e COUTINHO, 2004).

Um dos grandes marcos da literatura brasileira é o Romantismo. “É a partir do Romantismo que começa a existir no Brasil uma literatura própria, no conteúdo e na forma” (COUTINHO, 2004, p.177). Mas em meados do século XIX, surge um novo movimento literário, o Realismo, movimento que dá união ao espírito da vida, pela objetiva realidade da pintura (COUTINHO e COUTINHO, 2004).

Esse momento da literatura conhecido como Realismo/Naturalismo surgiu em meados do século XIX com as obras de Machado de Assis. Nesse período, os autores usavam a linguagem popular, o objetivismo, e conflitos do ser humano em seu cotidiano (na época). Entre os escritores mais conhecidos estão Machado de Assis com Memórias Póstumas de Brás Cuba, pois como ressalta Coutinho (2007, p. 159) ‘ as Memórias Póstumas de Brás Cubas são de 1881 – as mais elevadas e independentes expressões da nossa ficção, prolongando-se muito além da fase estritamente naturalista, e imprimindo um vigor novo à literatura no Brasil’, assim como também Aluísio de Azevedo com o Mulato, Artur Azevedo e outros.

É impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento, uma tendência, em um estado de espírito, do que um tipo ou gênero literário acabado. Ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma e subordinar os sonhos ao real (COUTINHO e COUTINHO, 2004, p. 186).

Já no final do século XIX, surge um novo movimento literário, o Simbolismo. Nesse período os escritores utilizavam uma linguagem sugestiva e abstrata, pois buscavam inspirações em mistérios da morte e dos sonhos, tendo como foco a religiosidade (BOSI, 2006). As grandes obras desse período foram de Cruz e Sousa. Além de Cruz e Sousa, o período foi de grande marco para Alphonsus de Guimaraens, entre outros, como afirma Castello (2004, p. 21) ao relatar que:

O Simbolismo, à semelhança do Parnasianismo, continua pelo primeiro quartel do século atual. Cruz e Sousa, já falecido, permanece o “deus titular” dessas novas tendências [...] Quem persiste atuante é Alphonsus de Guimaraens [...] Contamos ainda com a presença de outros simbolistas ao lado dos novos estreantes do Rio de Janeiro, os da província e tão numerosos quanto àqueles continuadores do Parnasianismo. (CASTELLO, 2004, p. 21).

Com o fim do Simbolismo, surge um novo momento na literatura, o Modernismo. Mas antes de falar do momento Modernista faz-se necessário um breve relato sobre o pré-modernismo. O Pré-Modernismo surgiu no início do século XX, com obras que valorizavam o regionalismo e a busca pela valorização tradicional e problemas sociais da época, com grandes nomes como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, entre outros. Já o Modernismo surgiu em meados do século XX, com a Semana da Arte Moderna, buscando valorizar as artes nacionalistas que levavam a criar obras com humor, temas do cotidiano, uso de palavras que expressavam liberdade. Nesse período ficaram conhecidos os autores Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, entre muitos outros. Ressaltando sobre a Semana da Arte Moderna, Bosi (2006, p. 340) relata que:

A Semana foi [...] o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.

Sendo que Castello (2004, p. 17) coloca em linhas gerais a consistência do movimento modernista em quatro tópicos para publicar nesse momento tão importante para os escritores dessa época. Enfocando as perspectivas literárias das seguintes temáticas:

A partir destas propostas, começamos a distinguir pré-enunciações do movimento modernista, a ser proclamado publicamente com a semana da arte moderna. Em linhas gerais, elas consistiram:

1º) na presença, resguardada pelo prestígio já conquistado, de figuras do Realismo-Naturalismo e sobretudo do Parnasianismo;  
2º) na sobrevivência do Simbolismo brasileiro, ainda em processo, conforme realizações de princípios do século atual;  
3º) na extensão da ideologia nacionalista concomitantemente com o pan-americanismo e o latino-americano, o civismo, o civilismo da “República Velha” até ao debate já modernista da “brasilidade” e do “regionalismo”;  
4º) nas conseqüências da libertação dos escravos no Brasil e da implantação da imigração de São Paulo ao Rio Grande do Sul. Inspiram os fundamentos de uma temática a ser amplamente focalizada pela narrativa ficcional desde os anos 20, sobretudo dos anos 30 aos 40: por um lado, a imigração e o imigrante e as mudanças da fisionomia tradicional do sul do Brasil, em sincronia com a economia e a civilização do café e o surto da industrialização; por outro lado, no Nordeste, sobretudo faixa litorânea do Recôncavo Baiano a Pernambuco, a decadência da economia e da civilização açucareira tradicionais, seguidas de mudanças com o advento da usina (CASTELLO 2004, p. 17).

Esses quatro tópicos mostram a linearidade da questão literária em referência a Arte Moderna, buscando novos escritores com essas perspectivas para elaborar um novo contexto dentro da literatura e formar novas temáticas resgatados do século XIX. Sendo de grande importância para o desenvolvimento da literatura no século XX.

Portanto, a literatura em diferentes épocas coloca através da escrita a forma de como a realidade se configurava naquele momento em diferentes obras. Podemos dizer que se configura com uma busca que os autores colocam para apresentar a sua representação de mundo e comunicar ao público o seu imaginário acerca da realidade, de seu cotidiano.

[...] a literatura pode ser vista como um dos espaços, no qual as insatisfações humanas e as reflexões sobre as imposições paradigmáticas são postas em destaque, descortinando um universo que, a partir do recurso ficcional dá vez e voz ao que comumente a sociedade quer ver calar, além de espaço para que outras prioridades sejam apontadas, engajando-se na denúncia das insatisfações (GERMANO, 2008, p.61).

Para a literatura apresentar a uma linguagem geográfica, ela tende a ser vista como denotativa ou conotativa, utilizando-se de seus conceitos e características para conseguir transformar uma ideia de lugar, por exemplo, de forma que os leitores consigam compreender dentro da história, não levando a forma conceitual desse lugar, mas, criando e inventando formas que seus escritos sejam fáceis de compreender e por isso caracterizar o lugar que está escrito. Pois como ressalta Souza (1986, p. 16) “[...] o que se pode fazer com a literatura não é teorizar a seu respeito, mas tão-somente registrar impressão de leitura, sem preocupação de sistematizá-las ou submetê-las a controle conceitual”.

Os escritores usam de seus textos para condicionar a realidade, utilizando-se um pouco do lúdico para representar esse espaço, mas com certo cuidado para não fugir do espaço original. Com relação a isso Zilberman (2003, p. 23) fala que:

[...] o texto literário pode lidar com a ficção mais exacerbado, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúdico e crítico; mas mostra-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas (ZILBERMAN, 2003, p. 23).

A literatura, através de textos literários, traz uma série de informações que podem ser muito importante para uma análise geográfica, levando em consideração os aspectos físicos e humanos que a obra aborda, pois muitos autores deixam bem claro o cenário que a trama transcende, colocando representações que envolvem um ambiente geográfico.

As representações do espaço geográfico através das obras escritas representam uma compreensão espacial do lugar que está inserido no contexto, ou seja, a obra traz uma dimensão espacial do lugar e de outros elementos que estão constituídos no contexto, como: paisagem, lugar, território, vegetação etc. Muitos são os escritores que fazem uso desses elementos para representar o Nordeste Brasileiro, como: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Lima Barreto, entre outros, colocando em suas obras o Nordeste como ele é. Com isso Brosseau ressalta que:

[...] as informações que os textos literários, os poemas e romances, apresentam, são de grande importância para a Geografia, pois, as representações feitas pelos autores e sua capacidade em reproduzir as paisagens com grande objetivo valorizam as paisagens, os lugares e os homens, servindo de ferramenta para o exercício geográfico, ao fornecerem uma síntese sobre os lugares (BROSSEAU, 1996, s.p.).

Com isso, muitas obras literárias trazem uma dimensão que facilita a aprendizagem do conteúdo proposto, expondo os elementos geográficos visíveis e invisíveis na obra, como a paisagem transcrita no texto, a territorialidade e sem dúvida o espaço representado e a relação com o lugar em que o indivíduo está inserido, além de outros fatores. Entendidas essas questões, passamos agora a discussão acerca da dimensão de espaço presente em "Vidas Secas", tendo em vista uma análise das temáticas geográficas abordadas em cada capítulo do livro.

### **3 - Capítulo II – UM OLHAR GEOGRÁFICO DA OBRA “VIDAS SECAS”: DESVENDANDO A PAISAGEM LITERÁRIA**

O objetivo desse capítulo é buscar as representações geográficas encontradas no romance de Graciliano Ramos “Vidas Secas”, analisando uma perspectiva de interação entre o conhecimento geográfico e a obra literária, tendo como referência a possibilidade de aplicação aos processos de ensino de geografia da Educação Básica. Considerando esses elementos, indicamos que:

Ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária. Considerando essa função social da literatura, retomamos as considerações de Beach & Marshall (1997: 17): “O estudo da literatura poderia ser justificado por sua habilidade para ajudar os alunos a compreenderem a si próprios, sua comunidade e seu mundo mais profundamente”. É essa integração entre o texto literário e a dimensão social que a escola poderia mostrar aos alunos. Estes deveriam perceber as possibilidades de significação que o texto literário permite, como objeto artístico polissêmico que transgride convenções e envolve o leitor num jogo de descobertas e redescobertas de sentidos (MARTINS, 2009, p.91).

A geografia e a literatura estão presentes em uma mesma dimensão de representação de espaço, caracterizada pela forma como o cenário representado nos livros de escritores nacionais, como é o caso do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, onde o mesmo representa a história de uma família de retirantes, que buscam através de suas andanças um lugar para sobreviver dignamente e longe da seca.

Graciliano Ramos escreveu o texto sem ordem de como iria terminar, em forma de conto, relatando a história de uma família de retirantes Nordestinos, que procuravam um lugar para fugir da seca. Ao longo da história relata o percurso feito pelos retirantes, e como eles encontraram uma fazenda abandonada, onde pensavam passar uma boa temporada, de onde logo são expulsos. Porém Fabiano, como o chefe da família, se apresenta como vaqueiro, então o dono da fazenda resolve dá emprego a ele e deixá-lo trabalhando naquelas terras, pois o mesmo imagina se aproveitar de Fabiano, colocando-o para trabalhar e dando apenas o que o senhor das terras considera o suficiente para a família. Com isso a família resolve trabalhar nas terras, já que o período de inverno estava próximo, pois apresentava sinais de chuva na região. Fabiano e sua família estão plantados naquele lugar como relata Ramos (2011, p. 19):

[...] Apossara da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoadas. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro. Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou os quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados a terra.

Ao relatar a forma como Fabiano se encontra naquele lugar, o escritor questiona a relação da identidade do indivíduo. No caso de Fabiano “Aparecera como um bicho entocara-se como um bicho, mas criara raízes,... Olhou os quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas”, coloca o homem Nordestino como um ser forte, que consegue vencer todos os obstáculos, inclusive a seca que o rodeia.

Vidas Secas é um romance do sertão que explora o ciclo da seca e, com base na análise de dados, constituídos de fragmentos do romance e que ilustram a temática das relações de poder e autoritarismo nesse corpus, podemos constatar as condições de vida dos nordestinos oprimidos pela seca e pela falta de oportunidades (ALMEIDA, 2008, p.123).

Com relação à identidade do indivíduo, Bock; Furtado; Teixeira, 2002, p.203 cita Brandão, 1986, p.38, que diz: “[...] a identidade explica o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que torna cada um de nós um sujeito único diante de outros ‘eus’; e é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade: a consciência de minha continuidade em mim mesmo”.

Entendemos, dessa forma, que as relações desse romance com a geografia se estabelecem, além das representações do cenário literário, já que a paisagem representada na escrita é típica da região Nordeste. A fauna e a flora que também tem grande destaque e o próprio homem do sertão, colocado lá como ignorante, sem condições de vida, pouco estudo etc. também se relacionam ao imaginário que norteia a construção simbólica da região Nordeste. Cabe, nesse sentido, estabelecer uma leitura da paisagem apresentada no livro, tendo como referência a dimensão geográfica apresentada na obra. Faremos essa discussão por capítulo, tendo em mente a apresentação de um painel que resuma a ideia de cada capítulo e a dimensão geográfica contida nos mesmos.

### 3.1 Representações de espaço e geografia em Vidas Secas

No primeiro capítulo “**Mudança**”, a presença de representações geográficas dá-se, principalmente, a partir da narração de elementos que apresentam a dimensão natural que compõe o espaço da região Nordeste, do semi-árido brasileiro, tendo como referência a emergência da Seca, que no livro assume a dimensão de fenômeno natural. Sobre as regiões do semi-árido brasileiro, Silva (2008) relata que:

As regiões do semi-árido brasileiro são caracterizadas, de modo geral, pela aridez do clima, pela deficiência hídrica com imprevisibilidade das precipitações pluviométricas e pela presença de solos pobres em matéria orgânica. O prolongado período seco anual eleva a temperatura local, caracterizando a aridez sazonal. Conforme essa definição, o grau de aridez de uma região depende da quantidade de água advinda da chuva (precipitação) e da temperatura que influencia a perda de água por meio da evapotranspiração potencial (SILVA, 2008, p.17).

Graciliano apresenta diversos indícios de secas no Nordeste brasileiro dentro do contexto, fazendo-se necessário ressaltar a importância desse conceito, com isso utilizaremos Silva (2008) para caracterizar-se essa definição dentro do nosso estudo.

As secas são características tanto pela ausência e escassez quanto pela alta variabilidade espacial e temporal das chuvas. Não é rara na história da região a sucessão de anos seguidos de seca. No entanto, a limitação hídrica ocorre anualmente devido ao longo período seco que leva à desperenização dos rios e riachos endógenos. A reduzida capacidade de absorção de água da chuva no solo é dificultada em virtude do relevo alterado e dos solos rasos e pedregosos. A presença de solos cristalinos na maior parte da abrangência do Semi-Árido limita o acesso à água existente nos aquíferos, por meio de poços de baixa profundidade, verifica-se uma quantidade inferior da água para consumo humano e animal e para irrigação da lavoura, devido à alta concentração de sais minerais (água salobra), originada das fissuras das rochas (SILVA, 2008, p.19).

Nessa perspectiva sobre a seca e seus efeitos, constatamos que mais alguns escritores da literatura brasileira utilizaram suas obras para focar essas questões durante o século XX, colocando a seca como o grande vilão da história do Nordeste, sendo apontada como a culpada do drama dos nordestinos (SILVA, 2008), denominando-se “uma terra estorricada, amaldiçoada, esquecida de Deus” (CASTRO, 1967, p.168 apud SILVA, 2008, p.85).

No início do século XX, surgiram novos enfoques e percepções relativas ao fenômeno da seca e às condições de vida no Sertão nordestino. No campo literário, têm-se grandes contribuições. Entre as diversas obras literárias destacam-se: O Sertanejo, de José de Alencar, que inclui uma abordagem ecológica da paisagem e vegetação do Sertão, destacando a importância da carnaúba para o bem-estar do sertanejo; Luzia Homem, de Domingos Olympio, que conta a saga de uma mulher sertaneja que tenta resistir à violência de uma sociedade machista e patriarcal; Os Sertões, de Euclides da Cunha, que retrata a terra e a gente sertaneja, destacando os valores de resistência e bravura; O Quinze, de Raquel de Queiroz, que é uma obra fundamental de denúncia e de desmistificação da complexa realidade socioeconômica sertaneja; Cangaceiros, de José Lins do Rego, na qual se refletem as influências vindas do Sertão para a Zona da Mata; e Vidas Secas, de Graciliano Ramos, que conta a saga dos retirantes que deixam o Sertão à procura de abrigo e alimentação na região úmida do Nordeste. A temática que norteia essas obras literárias é o problema das secas e seu impacto sobre o meio ambiente e sobre a população humana e animal (SILVA, 2008, p.86 – 87).

Com isso, a geografia retida no decorrer do romance não é totalmente física, pois não fala apenas do bioma<sup>2</sup> caatinga e de seus elementos, mas, apresentam-se fortes elementos sociais, culturais, econômicos e políticos, contendo uma pluralidade de situações nas diferentes temáticas (ALMEIDA, 2008), que serão abordadas no decorrer dos outros capítulos que compõe a obra.

Utilizando-se representações de elementos que são encontrados na região Nordeste, como a fauna e a flora representada na história, além dos rios secos ou com pouca água, a obra evidencia crença e/ou esperança de um povo que só podem contar com a ajuda divina, "pois olhavam para o céu e viam estrelas representando sinal de chuva", ou seja, representando uma esperança para a família que se encontravam no meio de um lugar vazio, sem sinal de presença humana, apenas os membros da família e os animais domésticos.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2011, p.09).

Resgatando as representações geográficas na obra de Ramos, que ressaltam a presença de rios secos ou com pouca água, questionando a intermitência dos rios do semi-árido, Maltchik (1998) relata que:

---

<sup>2</sup> O Bioma é definido como um conjunto de múltiplos ecossistemas agrupados em um espaço geográfico contíguo, com um certo grau de homogeneidade em torno de sua vegetação e fauna.



A principal característica hidrográfica do Semi-Árido brasileiro é o caráter intermitente de seus rios. Esta característica está diretamente relacionada com a precipitação da região. Os rios e riachos são irregulares, onde o fluxo de água superficial desaparece durante seu período de estiagem. O domínio dos rios intermitentes está associado aos limites do clima semi-árido; inicia-se na calha do rio Parnaíba e se estende até o sul do sertão baiano. O rio Parnaíba comporta-se como o grande divisor de água entre os rios de diferentes regimes hidrológicos. Enquanto que em sua margem esquerda estão localizados os rios de características perenes, influenciados pelo clima tropical, na margem direita inicia-se a paisagem dos rios intermitentes, sob influência do clima semiárido. (MALTCHIK, 2008, sp).

O segundo capítulo “**Fabiano**”, relata a chegada da família à fazenda, mostrando um pouco menos a geografia do capítulo anterior, pois retrata os rios secos, com lama e rachaduras feitas devido o sol escaldante da região. A presença constante da flora representada pelos juazeiros, mandacarus, catingueiras, baraúnas etc. Além disso, a obra mostra o que Ruggiero<sup>3</sup> chama de geografia psicológica, onde o personagem Fabiano e seu entendimento desde os seus antepassados sobre a seca que alarmava o sertão, que como relata Ramos (2011, p. 23 – 24) transcreve a caatinga aos olhos do vaqueiro:

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marcharia para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas – ela se avizinhandando a galope, com vontade de matá-lo.

Refletindo sobre a vegetação que caracteriza a caatinga, Ab’Saber (2006) fala que:

A vegetação das caatingas ocupa três quartos de milhão de quilômetros quadrados, correspondentes ao Brasil subequatorial semi-árido. Fitofisionomicamente é um domínio climático e ecológico de todas as regiões que o circundam: matas costeiras ou cerrados do altiplano central... As caatingas nordestinas têm combinações de espécies xerofíticas, conforme as diferentes sub-regiões pedológicas e climáticas regionais. Ocorrem caatingas arbustivas herbáceas em setores de solos rasos e de media altitude (400 – 450 metros). Em setores rochosos e de solos líticos, descontínuos e com sucessivos lajedos, encontram-se caatingas de arboretas miúdas e espinhentas, entremeadas por cactáceas – nos lajedos, entretanto, concentram-se localmente todos os tipos de cacto existentes na região, tais como mandacarus, xiquexiques e coroas-de-frade, intercaladas com caraguatás (AB’SABER, 2006, p.110).

---

<sup>3</sup> Silvia Maria Ruggiero – chefe de divisão da Fundação Educacional São Carlos - FESC Villa Prado.

O terceiro capítulo “**Cadeia**” aborda a busca de Fabiano por sua identidade, assim como também a falta de instrução e o abuso contra o homem do campo. Nesse caso, abuso ao personagem Fabiano, homem honesto e trabalhador, que é preso devido não saber expressar bem suas palavras. Utilizando uma linguagem típica da região que se encontra sem instrução alguma para falar com uma autoridade, Fabiano é mal interpretado e é preso. Como relata Ramos (2011, p. 31).

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

Associado a isso, Almeida (2008) ressalta que:

Embora Fabiano não seja delinqüente, sofre as conseqüências do peso com que atua a polícia, representada pelo soldado amarelo, que exerce sobre Fabiano o abuso de poder. Nota-se que a atitude do soldado amarelo deve-se também à vida ociosa que leva numa cidade do interior, onde todos se conhecem e a maioria da população trabalha no campo e desconhece seus direitos e deveres. O soldado amarelo aproveita-se do poder que lhe dá o uso da farda para oprimir os ignorantes como Fabiano, que não possui o conhecimento da palavra, portanto não poderia contestar a prisão e os abusos (ALMEIDA, 2008, p.113).

Esse capítulo relata o retrato do autoritarismo presente no Nordeste, pois mostra como Fabiano se sente o dono do seu espaço, um homem da caatinga, forte, sem medo de nada, caracterizando ainda outros tipos de elementos que compõe o sertão, como bando de cangaceiros, que não se importam com nada e nem com ninguém, repugnando os soldados amarelos (policiais), que abusam de pessoas inocentes, sem condição de vida e qualidade de instrução como Fabiano. Esse capítulo também questiona a identidade de Fabiano ao se denominar um homem ou animal.

Fabiano (ser/humano) ficava na dúvida entre o homem e o animal, “você é um homem Fabiano [...] Fabiano você é um bicho [...]” (V.S. p. 18). Sua vida é, na realidade, mais que uma lição de moral, uma crítica social passada pelo autor. Fabiano assemelhava-se aos animais “seus pés duros quebravam espinhos e não sentia a quentura da terra, montado, confundia-se com o cavalo...” (V.S. p.19). Como homem, ele tinha esperança de futuro, deixar os filhos robustos e com saúde, queria ensinar-lhe seu ofício. Como homem, expõe também sua revolta, sua dor, porém, sem agir. Fabiano vivia no conflito entre o saber que trazia sofrimento e o não saber e viver submisso. “Fabiano também não sabia falar, às vezes, largava nomes arresados por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira e não

podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse, ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que maltratavam as criaturas inofensivas” (V.S.p.36) (ALMEIDA, 2008, p. 119).

A cada capítulo, é lembrada a questão da seca, da água que tem nos barreiros, e a água salobra que os personagens bebem e muitos outros elementos geográficos “Fabiano tomou a cuia [...] encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão bebeu muito (RAMOS, 2011, p.14).

No quarto capítulo “**Sinhá Vitória**”, não é diferente, mas além de mencionar esses elementos, também repassa as idéias da mulher do vaqueiro em possuir uma cama igual à de seu Tomás de Bolandeira, uma cama real, de couro e sucupira, e não uma cama de vara com um nó no meio, como a que ela usa para descansar. Como mostra Ramos (2011, p.40)

Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando boi de barro, que secavam ao sol, sob o pé-de-turco, e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinha-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido.

Almeida (2008) busca uma identidade para descrever *sinhá Vitória*, colocando-a como a representação das mulheres, que lutam por seus direitos para defender a família, o lar, os sonhos, enfim, apresentando-a como a “heroína” da história, descrevendo-a da seguinte forma:

Vê-se em *sinhá Vitória*, uma mulher corajosa, a fortaleza do marido, dos filhos e das próprias condições de vida, que sente-se reprimida, castrada, pois tem sonhos que não consegue realizar, o que deixa claro a impotência de ação e a condição de submissão em que vive. Percebe-se que o nome de *Sinhá Vitória* é o reflexo de sua força, ela é o equilíbrio, a esperteza, a “heroína” da história, com o sonho de possuir uma cama com lastro de couro. Essa é a única cobrança que faz a Fabiano, a cama, deixando fluir sua natureza feminina... *Sinhá Vitória* é a personificação da mulher senhora do lar e da família, retratando as várias *sinhas Vitórias* da vida real, que enfrentam uma jornada diária de trabalho, cuidam da casa e dos filhos, do marido e ainda são vítimas de preconceito ou de violência. A mulher é retratada em *sinhá Vitória* por seus sonhos e pela influência que exerce sobre a família, também pela coragem e disposição, nela estão retratadas as grandes mulheres que fizeram e mudaram a história, seja na ficção, seja na mitologia que, independentemente de raça ou classe social, estão até hoje na batalha pela conquista do seu espaço na sociedade (ALMEIDA, 2008, p.120 – 121).

Ressaltando sobre seu Tomás de Bolandeira, é um personagem que entra na história como um ex-patrão de Fabiano, uma pessoa boa, que não sabe mandar, ele pedia, por favor, uma pessoa que é bem conhecido das letras e com a seca ele desiste e vai embora deixando Fabiano sem trabalho, mas deixando muitas recordações para a família e principalmente para sinhá Vitória, que lembra do patrão e de sua cama de couro.

Os filhos de Fabiano e sinhá Vitória não tinham nomes, são representados como o menino mais novo e o menino mais velho, como já foram mencionados anteriormente, tirando assim a questão da identidade de cada um, ressaltando sobre isso Almeida diz que, “Na vida áspera da caatinga, os seres humanos nivelam-se aos demais viventes, ou seja, aos animais. A cachorra Baleia, por exemplo, tinha nome, enquanto que os meninos de Fabiano não tinham e são tratados apenas como o menino mais velho e o menino mais novo” (2008, p.121 – 122).

No quinto capítulo “**O menino mais novo**”, representa a admiração do filho caçula ao pai, um homem forte, que cuida da fazenda, apresentando-se elementos da cultura popular nordestina, ao relatar a forma como o garoto observa o pai, andando com esporas, gibão e outros utensílios de vaqueiro (RAMOS, 2011). Representando a geografia através dos termos já utilizados até aqui, como quando levam os animais para beberem água no rio, as plantas que os rodeia como os juazeiros entre outras e pouco se fala da seca nesse capítulo, pois é como se fossem às memórias do filho mais novo.

Para as crianças havia vários poderes que os suprimia, além da seca, havia o poder patriarca de Fabiano. Os meninos sentiam Fabiano tão seco quanto o tempo que os punia, sentiam-se submissos ao poder do pai. No entanto, o menino mais novo tem no pai um ideal de referencia. (ALMEIDA, 2008, p. 121).

Associado a isso, a autor de Vidas Secas complementa ao relatar os passos do garoto.

Subiu a ladeira, chegou-se a casa devagar, entortando as pernas, banzeiro. Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé-de-vento, levantando poeira (RAMOS, 2011, p.53).

O sexto capítulo “**O menino mais velho**”, repassa a ideia do menino sobre uma palavra que escutara de dona Terta, a costureira, onde seria castigado por perguntar o seu significado. A palavra era inferno e como ele nunca ouvira falar antes, ficou curioso em saber

o seu significado, mas com o castigo que a mãe lhe aplicara, dando-lhe um cocorote<sup>4</sup>, ele resolveu não falar mais para não ser castigado novamente, pois pensou que era um lugar feio, onde as crianças levavam cocorotes.

Deu-se aquilo porque sinhá Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem de sinhá Terta, pediu informações. Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros... O pequeno afastou-se, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta... Sinhá Vitória falou em espetos quentes e fogueiras. – a senhora viu? Aí sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote. O menino saiu indignado com a injustiça [...] (RAMOS, 2011, p.55 – 56).

Em relação à representação geográfica é relatado à seca, o tempo em que eles passavam fome e sede durante o período de mudança. Com elementos que compõem a caatinga, como os xiquexiques, os mandacarus, as moitas, o morro e as serras, denominado o sertão Nordeste.

No sétimo capítulo, “**Inverno**”, relata o período chuvoso que transcende no sertão, retirando o medo da seca dos personagens e dando-lhes esperança com esse fenômeno natural, pois com a chegada do inverno também vinham às alegrias dos rios e lagoas cheias, as plantações cresceriam, os animais engordariam, a família também engordaria, ou seja, a felicidade estava quase completa, a não ser pelo fato que sinhá Vitória estava com medo que a água do rio fosse até a casa da fazenda, fazendo com que os moradores procurassem abrigo nos morros.

Nesse capítulo temos muitas representações geográficas, partindo das massas de ar que sopram ventos frios e ventos fortes que balançavam as árvores como as catingueiras. Assim como também as águas das chuvas que se formavam em enchentes, inundações, enchendo os rios e lagoas, as nuvens que se formavam no céu, os trovões, os relâmpagos, tendo chuvas durante o dia e a noite, retirando o medo da seca que castigava a caatinga. Com relação às representações geográficas encontradas neste capítulo Ross (2008) fala que:

As massas de ar que trazem as chuvas produzem ventos que sopram de noroeste, leste e sudeste. A perda de água por evaporação, propiciada pelos ventos, temperaturas altas e vegetação, podem alcançar 1 800 mm anuais. Uma região de caatinga pode evaporar mais água do que recebe num ano. No polígono das secas a

---

<sup>4</sup> Pancada na cabeça com o nó dos dedos, cascudo.

evaporação é muito maior que a precipitação. A radiação solar a céu limpo, nessa região, pode chegar a 3200 horas anuais, o que equivale a 266,6 dias do ano com 12 horas de luz (ROSS, 2008, p.175).

Cabe, todavia, salientar as discussões feitas por Ross (2008), complementando seu pensamento.

As massas de ar equatorial dos dois hemisférios (norte e sul) se contrapõem na região equatorial criando a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). A ascensão de ar na ZCIT produz uma zona de aguaceiros e trovoadas. A posição da ZCIT em relação aos dois hemisférios determina onde serão despejadas as chuvas. Devido à menor massa continental do hemisfério sul e ao seu conseqüente ar mais frio, a ZCIT conserva-se acima do Equador. Apesar disso, há um período, geralmente de janeiro a abril, em que a ZCIT está ao sul do Equador, devido ao intenso resfriamento do Ártico. Nesse período chove no Nordeste. Nos meses secos, a região nordestina está sob domínio da Massa Equatorial Atlântica, que é “seca”. Essa massa, ao alcançar o Nordeste, por um mecanismo de resfriamento e saturação de água, perde umidade nas regiões litorâneas, deixando o interior seco, salvo nas regiões serranas. A Frente Polar Atlântica (FPA) e a ZCIT agem combinadas e seus percursos são feitos com uma periodicidade que pode ser prevista pelo comportamento do clima global. A circulação geral da atmosfera tende ao equilíbrio de pressão e temperatura, e são esses dois fatores climáticos que podem ajudar a prognosticar as secas (ROSS, 2008, p. 178 – 179).

O oitavo capítulo “**Festa**” faz referência a uma representação cultural, relacionada com a religião da família, pois traz o catolicismo bem representado quando a família vai à festa de natal na cidade, procurando ir com trajes adequados e assistir a novena de natal, onde mesmo com os trajes apertados ou acessórios pequenos, assistem a novena com muita atenção, como fala Ramos (2011, p. 71).

Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinhá Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinhá Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como moças da rua — e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinhá Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos. Sinhá Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certa de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em conseqüência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas.

Nesse capítulo relata os personagens como bichos do mato, principalmente as crianças, que ao vêem as coisas da cidade, como lojas, barracas, as próprias pessoas e tudo o

que os rodeiam, perguntam-se uma a outra se aquilo era feito por gente, pois não conheciam as coisas da cidade, apenas as coisas que pertencem ao seu mundo, como se aquele lugar fosse muito diferente do deles, criando um pouco de medo.

O nono capítulo “**Baleia**” relata a doença que atacava a cachorra, em que Fabiano com pena da mesma resolve sacrificá-la para evitar o sofrimento da coitadinha, sendo que são narrados os fatos de como Fabiano procedeu com essa missão e os fatos acontecidos depois que ele atirou e só acertou o quarto traseiro da cachorra.

Nesses fatos a cachorra relembra como foi viver na fazenda e ter os meninos por perto, como amigos e companheiros de brincadeiras, tendo a caatinga como aliada, pois com o sofrimento Baleia se imagina pegando preás, até sente o cheiro deles, enfiada em um buraco, escondida de Fabiano até o momento de sua morte. Como fala Ramos (2011, p. 89):

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se. Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. [...] Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

O décimo capítulo “**Contas**” passa a crítica que o autor faz ao relatar Fabiano fazendo as contas com o patrão, o dono da fazenda, pois sinhá Vitória não sabe muito, mas faz uso do pouco que sabe ao explicar a Fabiano o que pertence ao patrão e o que pertence a ele, mas ao chegar ao escritório do patrão ver que ele não dá a parte que pertence a Fabiano por completo, relatando que tem muitos juros descontados na parte de Fabiano que reclama, e diz que “com certeza havia um erro no papel do branco” e que não era justo o que ele estava fazendo, e continuava a reclamar, “passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como um negro e nunca arranjar carta de alforria!” Reafirmando a posse do fazendeiro em relação ao vaqueiro, a exploração e o abuso do dono das terras em cima do infeliz, como mostra Ramos (2011, p. 94):

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim, no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! O patrão zangou-se,

repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou à pancada e amunhecou.

Fabiano ficou indignado com isso, mas o que fazer se ele não tinha para onde ir, não tinha terras, nem dinheiro, pensara na família. Deduzira que era que tudo o que acontecera com ele era sina, pois com seu pai foi assim, com seu avô também, e com ele não poderia ser diferente. Pensara no sofrimento que passara até chegar àquelas terras, como sair agora? Outro sofrimento. Sabia que era roubado pelo patrão, mas não tinha o que fazer, não sabia como lidar com a situação, só tinha que aceitar. Tudo o que sabia era trabalhar com o gado, com a terra, com as cabras, enfim, tudo o que relacionava a terra e a fazenda.

O décimo primeiro capítulo **“O soldado amarelo”**, é repassado na caatinga, lugar de trabalho de Fabiano, que ao sair para trabalhar encontra o soldado amarelo, o mesmo que um ano atrás o levava para a cadeia, sem dó e nem piedade, só porque Fabiano não se expressou direito com suas palavras matutas.

Ao encontrar o soldado, Fabiano teve vontade de matá-lo ali mesmo, sem dó e nem piedade, assim como não tiveram dele no passado, mas Fabiano vê nos olhos do soldado o medo, que ali perdido aproxima-se e pergunta o caminho até a cidade. Fabiano com vontade de agredi-lo resolve apenas ensinar o caminho, usando a expressão que “governo é governo”. Com relação a isso Almeida (2008), ressalta o seguinte:

No segundo encontro de Fabiano com o soldado amarelo, é interessante notar a reação do sertanejo diante de quem lhe fez tanto mal. Na mente de Fabiano o governo (representado pelo soldado) é uma entidade poderosa e ele respeita isso, pois preza seus princípios e prova o valor de homem simples, que respeita o próximo e se coloca digno perante aquilo que acredita. Como ser humano, Fabiano é arrebatado, em princípio, pelo sentimento de vingança. Porém, é enorme sua capacidade de absorver injustiças sem cobrar reparações, por isso curva-se mais uma vez e conclui: “governo é governo”! (ALMEIDA, 2008, p. 119).

O décimo segundo capítulo **“O mundo coberto de penas”**, relata as aves de nome arriboções, que existem muitas na região da caatinga. Estavam voando sobre as terras onde Fabiano e a família morava. Para Fabiano e a mulher isso era mau sinal, pois se estava anunciando um novo período de seca. Pois as aves estavam indo em destino ao Sul, voando em bandos e bebendo a água do bebedouro que era pouca e só dava para os animais da fazenda, assim pensava Fabiano e sua mulher. Como o sol estava escaldante naquela época do ano,



Fabiano reflete que se as aves beberem a água do bebedouro, tanto a família como os animais irão passar sede, por isso decide ir ao bebedouro para matá-las. Como relata Ramos (2011, p. 109):

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.

Com sua espingarda Fabiano mata algumas das aves, espanta as outras com os tiros, depois decide voltar para casa, onde o mesmo, durante o percurso de volta em seu momento de reflexão lembra-se da cachorra Baleia, da morta da coitadinha, pois teve que matá-la por medo da hidrofobia, doença que molestava o animal. Assim como se lembrava do soldado amarelo que deixara ir embora, pois queria ter-lo matado, mas decidiu deixá-lo ir, respeitando o condenado. Ainda no caminho de volta para casa, pensava em ir embora daquelas terras, planejou a viagem e como falar para a mulher.

O décimo terceiro e último capítulo “**Fuga**”, assim como iniciou a história com a mudança da família, o final não foi diferente, pois os mesmos procuravam um lugar para se esconder de uma nova seca que se aproximava. Ao encontrar a fazenda passaram uma boa temporada, fizeram história ali, as recordações eram muitas. Para eles é como se um dos membros da família tivesse ficado naquele lugar, a cachorra Baleia, que era muito querida por todos.

Um dos elementos geográficos bem presente dentro da obra de Ramos é o processo de migração feito pelos personagens da história, pois tanto no início como no final do romance Graciliano deixa claro esse processo de migração. “A migração compreende duas fases: a primeira, a saída do lugar de origem, chamada emigração e a segunda, que é a entrada no lugar a que se destina, chamada imigração” (ANDRADE, 1998, p.56).

Segundo Andrade (1998) as migrações podem ser classificadas em caráter temporário e em caráter permanente.

*Migrações definitivas*: são aquelas feitas com a intenção de se transferir definitivamente de uma região ou país para outro. Nesse caso, o migrante transporta o que pode, de vez que não tem intenção de voltar; ela é geralmente provocada por problemas de ordem política, religiosa ou econômica; *Migrações temporárias*

podem ser classificadas em três grandes grupos: *migrações por tempo indeterminado*, *migrações sazonais* e *migrações diárias*. As *migrações por tempo indeterminado* são aquelas feitas por pessoas que se transferem para outro país ou região, com intenção de regressar após atingir determinados objetivos;... As *migrações sazonais* são típicas do meio rural, sobretudo nos países e regiões subdesenvolvidos. Estão ligados à época de colheita das várias culturas. Como o regime de chuvas e, conseqüentemente, o de plantio e de colheita dos vários produtos não coincidem em regiões próximas, a mão-de-obra se desloca com frequência de uma área para outra, quando há oportunidade de trabalho... As *migrações diárias* são observadas sobretudo nas grandes cidades; os trabalhadores em indústrias e em serviços, percebendo baixos salários, não tem condições econômicas para viver nas grandes cidades, morando em subúrbios distantes, às vezes a dezenas de quilômetros dos seus locais de trabalho (ANDRADE, 1998, p.59 a 61).

Com a fuga Fabiano leva mantimentos para não passarem fome na estrada, levando um bezerro que matou e salgou a carne para comer durante esse período de caminhada. Assim como as arribações que pegara no bebedouro. Vão com destino ao Sul. Andando como bichos fugitivos, pensam que já andaram por meses, os meninos bem dispostos continuam andando, Fabiano e Sinhá Vitória imaginam como será o lugar para onde está indo, lugar que não é definido.

Fabiano pensa no futuro dos filhos, como será e se seriam vaqueiros, mas a mulher logo responde com sinal negativo, que Deus os livrasse dessa profissão, pois não queria que os filhos sofressem com essa má sorte, assim como Fabiano. Pensava ela que como estava indo para o sul, Fabiano deixaria essa profissão e os meninos iriam para a escola, tendo um futuro diferente de seu pai e seus antepassados.

A caminhada estava acabando com a família, cansados paravam em diferentes lugares, mas sempre procuravam parar em locais que eram próximos de algum rio ou poça de água, em seguida comiam um pedaço da carne que transportavam e continuavam a caminhada. Sinhá Vitória pensa como será o futuro da família, com um trabalho para Fabiano, algo que fosse relacionado a terra e ao gado, pensava que os meninos tinham que ir a escola, para aprender coisas difíceis, como fala Ramos (2011, p. 127 - 128):

Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela.

Finalmente, a história termina com uma indagação feita por Fabiano ao comparar sua situação como a de muitas pessoas do Nordeste, colocando o sertão como um inimigo, que expulsa seus conterrâneos devido à seca, mandando-os para outros lugares, sem se importar para aonde vão, importando apenas em sair de um lugar que não tem muito para oferecer, a não ser a seca, a falta de condições e a pouca instrução de vida. Com relação a isso Silva (2008, p.83) fala que:

Os relatos das secas, do flagelo da fome, da aridez do clima e da aspereza da vegetação de caatinga contribuíram para as imagens e representações negativas sobre o sertão nordestino, em comparação as terras úmidas da Zona da Mata e do sul do país: “No Brasil, coube ao Nordeste o pior quinhão das adversidades naturais, pela escassez de chuvas, fator primacial do bem-estar e do progresso das populações” (Apud LOPES, 1990, p.4).

Esse capítulo objetivou apresentar a construção literária da obra em discussão, tendo como referência o mapeamento das temáticas geográficas abordadas. Tendo como referência esse elemento, indicamos a centralidade da temática da Seca a partir de diferentes elementos simbólicos que representam esse fenômeno, entre os quais: fauna, flora, relações sociais, manifestações culturais, sentimentos, etc. que representam o Nordeste a partir de um dos seus fenômenos mais marcantes.

### **3.2 - O contexto social do Nordeste e sua influência em Graciliano Ramos: alguns apontamentos.**

Um dos momentos mais marcantes do nordeste brasileiro é o período de seca, marcado por miséria, fome, migrações e difíceis condições de vida para o homem do campo. Fazendo com que governos e governantes tomem decisões para ajudar a essa população tão carente, criando-se assim práticas voltadas para beneficiar esse povo que vive dos benefícios da terra, pois a terra é o seu principal instrumento de sustento, utilizando-a como fonte de renda para sustentar suas famílias. Segundo Garcia (1985, p.53) “a seca, no território semiárido nordestino, não é exatamente a ausência de chuvas, pois todos os anos chove nas caatingas sertanejas. O que determina a seca é a irregularidade das precipitações pluviométricas”.

Para retratar o período de seca, relacionando ao momento vivido por Graciliano Ramos para contextualizar sua obra em 1938, iremos buscar um recorte das principais secas e ações governamentais do século XX, buscando temporalmente os problemas e questões que o

influenciaram a escrever essa obra, voltando a esse fenômeno não só natural, mas também social, econômico e político.

Mas, antes de conhecer as principais secas dos séculos XX, faz-se necessário o conhecimento da seca de 1877, onde ocorreram muitas mortes e aconteceu um grande marco para a economia do Nordeste, sobre isso Silva diz que:

Não é possível uma compreensão da realidade atual do semi-árido sem considerar a intervenção governamental, decisiva para a ocupação e formação socioeconômico daquele espaço. Desde o período colonial, os governos adotaram medidas de incentivo à ocupação, povoamento e exploração econômica do semi-árido. Nos últimos cento e cinquenta anos, com a consolidação da sua ocupação, foram intensificadas as decisões políticas que resultaram na formulação e implementação de programas e projetos governamentais, vinculados quase sempre a órgãos públicos de caráter regional, com a finalidade explícita de enfrentamento das consequências da seca no semi-árido (SILVA, 2008, p.31).

Foi perante a seca de 1877, período de migrações e mortes que a igreja ajudou aos sobreviventes retirantes com alimentação e instalações. Determinando nessa época a imagem do homem nordestino como diz Almeida (2008, p. 114) ao relatar que “foi nessa ocasião que se iniciou a popularização da imagem do Nordeste miserável, em que o nordestino ficou estereotipado pela imagem de raquítico, queimado do sol, subnutrido, maltratado e analfabeto”. Surge então uma medida contra a seca nesse período, o auxílio aos flagelados, para ressaltar sobre isso Silva diz que:

[...] a institucionalização das secas no final do século XIX, com o “auxílio aos flagelados” na seca de 1877 – 1879 e das primeiras “obras contra a seca”, torna-se um poderoso instrumento regionalista para unificação do discurso de grupos políticos dominantes do “Norte”, na conquista de espaços no Estado republicano, comandado pelas oligarquias do Sudeste. A seca, divulgada nacionalmente como um grave problema, torna-se um argumento político quase irrefutável para conseguir recursos, obras e outras benesses que seriam monopolizadas pelas elites dominantes locais (SILVA, 2003, p.362).

Essa seca, fez com que o Imperador Pedro II vendesse as joias da coroa para acabar com a seca na região. Também foram criadas medidas, como, a implementação de cisternas, irrigação e açudagens (SILVA, 2008). A seca durante o século XIX passou a ser considerada como um problema nacional a partir do grande número de mortalidade da população e dos interesses políticos dos coronéis com a perda de seus rebanhos, procurando possibilidades em aumentar suas riquezas através das situações de calamidade, fazendo com que a seca seja

voltado a seu favor, fazendo dela um grande negócio e criando-se assim, a indústria da seca (SILVA, 2003).

Entre o poder federal e a massa flagelada pela seca medeia, porém, a poderosa camada senhorial dos coronéis, que controla toda a vida do sertão, monopolizando não só as terras e o gado, mas as posições de mando e as oportunidades de trabalho que enseja a máquina governamental. (...) Esses donos da vida, das terras e dos rebanhos agem sempre durante as secas, mais comovidos pela perda de seu gado do que pelo peso do flagelo que recai sobre os trabalhadores sertanejos, e sempre predispostos a se apropriarem das ajudas governamentais destinadas aos flagelados. (RIBEIRO, 1995, p. 348 apud SILVA, 2003, p.369).

Já no século XX, foram tomadas outras medidas, pois começou a mudar a postura estatal, ou seja, o estado começou a tomar decisões de prevenção e enfrentamento das consequências contra a seca no semiárido (SILVA, 2008). Como política voltada para a problemática da seca, foi criado em 1909 a Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS), vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, sobre essa ação do governo Silva ressalta que:

O plano de ação da IOCS refletia uma síntese das propostas até então sugeridas para combate aos efeitos das secas, envolvendo as seguintes atividades: realização de estudos, planejamento e execução de obras hídricas, como a construção de açudes públicos e particulares, canais de irrigação, barragens, perfuração de poços e drenagens; estradas de rodagem e ferrovias; reflorestamento e piscicultura. Mas, o que caracterizou o Órgão de fato, nesse primeiro período, foram os estudos das condições meteorológicas, geológicas, topográficas das zonas de ocorrência das secas coordenados por especialistas vindos dos Estados Unidos e da Europa, juntamente com alguns brasileiros (SILVA, 2008, p.44).

A IOCS foi de grande ajuda contra a seca, constituída como política de açudagem para armazenamento de água, mas esqueceram-se “que a água armazenada era, em grande parte, perdida pela evaporação, em um clima quente e seco” (ANDRADE, 1999, p. 55 apud SILVA, 2003, p.370). Mas, na seca de 1915 passou a ser questionado, pois os resultados não eram imediatos, causando assim um aumento nas pressões políticas da época, com isso foi incentivado à emigração da população para a Amazônia e para São Paulo (SILVA, 2008).

No entanto, Silva (2003) cita Ab’Sáber (1999), ao caracterizar outras formas de intervenção no semiárido, mostrando as falhas de funcionamento social dos grandes açudes criados pelo IOCS, principalmente ao mostrar que não foram criados para garantir melhoras

nas produções agrícolas de pequenos agricultores, e sim de grandes proprietários de terras. “Alguns estavam localizados longe de várzeas irrigáveis e os que favoreciam a distribuição de água por gravidade para áreas irrigáveis atendiam a um número limitado de famílias” (SILVA, 2003, p.370).

Com a falta de verba para o funcionamento da IOCS, surge um novo projeto do governo federal, a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), sendo mais eficaz na sua atuação. A IFOCS ficou conhecida como a primeira medida contra a seca nesse período de 1919, a segunda foi a lei Eptácio Pessoa (LEI 3. 965, de 1919) que instituiu a Caixa Especial das Obras de Irrigação das Terras Cultiváveis no Nordeste e dos Serviços Complementares ou Preparatórios (SILVA, 2008).

Em 1923 com o fim do governo Eptácio Pessoa foi paralisado as obras por falta de orçamentos, com relação a isso Silva complementa:

Vultuosas instalações e enorme quantidade de materiais foram desviados ou se perderam por deficiência na conservação [...] Também causou polemica a contratação de empresas estrangeiras para os trabalhos de planejamento e realização das obras dos grandes açudes. O governo justificava a falta de técnicos e de construtoras nacionais com estrutura e capacidade suficientes para realizar as grandes obras (GUERRA, 1950, p.167 apud SILVA, 2008, p.45).

Um dos períodos de grande seca que chamava a atenção do autor naquela época foi à seca de 1932. Tempo de calamidade pública, enfocando problemas naturais, sociais e políticos. Discutindo a necessidade para a realização de obras que ajudassem a população, criando-se assim políticas de emergência aos flagelados (SILVA, 2008). Desde a seca de 1877, a pobreza tornou-se discussão dos governantes, pois a população flagelada procurava formas de sobrevivência retirando-se de seus lugares de origem em busca de comida, trabalho e melhores condições de vida. Com relação a isso Neves ressalta que:

[...] de 1877 a 1932 estava gestando-se uma nova estrutura de sentimentos em relação à pobreza generalizada a que a seca dava visibilidade. Um novo relacionamento entre retirantes, governantes e habitantes das cidades se tornava o centro de uma série de atitudes com relação aos miseráveis em momentos de escassez, quando uma legitimidade social era atribuída às ações coletivas que as multidões de retirantes já começavam a empreender (NEVES, 2001, p.108).

Cada vez mais aumentava a preocupação dos governantes com relação à seca, com isso a Constituição de 1934 introduziu uma nova base legislativa para a implementação de uma política para o controle dos efeitos da seca no Nordeste (SILVA, 2008). Outro fator que marcou foi o polígono da seca, delimitado pela Lei nº 175, de 1936, sendo uma área considerada nos planos de trabalho contra os efeitos da seca (BRASIL, 1934, s.p. apud SILVA, 2008, p. 47), com relação ao polígono da seca Pontes e Machado (2009) comentam que:

A sua delimitação foi traçada anteriormente com o epíteto de Polígono das Secas e compreendia a área do Nordeste brasileiro, reconhecida pela legislação como sujeita a repetidas crises de prolongamento das estiagens e, conseqüentemente, objeto de especiais providências do setor público. O Polígono das Secas foi criado pela Lei nº. 175, de 07/01/1936 e complementado o seu traçado pelo Decreto-Lei nº. 9.857, de 13/09/1946. Pela Constituição 1946, foi regulamentada a execução de um plano de ação contra os efeitos da denominada seca do Nordeste. Pela Lei nº. 1.348, de 10/02/1951, a área do Polígono foi revisada em seus limites. Finalmente, o Decreto-Lei de nº. 63.778, de 11/12/1968, declarou que a Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) tinha a competência de determinar quais os municípios inseridos ao Polígono das Secas. Abrangia oito Estado nordestinos, além de parte do norte de Minas Gerais (PONTES; MACHADO, 2009, p.14).

Graciliano Ramos usou de um fenômeno natural, social e econômico que enfrentava na época para escrever “vidas secas”, fazendo uma crítica aos governos da época, utilizando a seca como fenômeno natural e social, pois a fome e a miséria fizeram com que o autor criasse um cenário propício ao momento em que se encontrava, momento de seca, pessoas retirando-se de suas localidades, passando fome e sede, mas com esperança de um futuro melhor.

Portanto, a seca, a fome, os retirantes durante o período de estiagem, as ações dos governos em combate as secas e todos os elementos citados, influenciaram bastante para que Graciliano utilizasse de seus recursos para colocar de forma crítica toda a problemática referente a esse período de grande importância para a sociedade nordestina.

Considerando esse contexto assumido pela obra em seu processo de discussão e tendo como referência as questões relativas ao espaço apresentadas ao longo do texto, apresentaremos no próximo capítulo alguns indicativos acerca das possibilidades de utilização da obra aplicada ao ensino de geografia. Para isso, propomos um quadro didático que objetiva, principalmente, orientar os professores de geografia acerca dos elementos que norteiam o ensino a partir da literatura.

## 4 – CAPÍTULO III - GEOGRAFIA E LITERATURA: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO

### 4.1 - Ensino de Geografia e literatura: apontamentos teóricos

O uso da literatura nas aulas de geografia contribui com a aprendizagem do aluno em meio ao desenvolvimento das temáticas abordadas pelo professor. Tendo como referência esses elementos indicamos as possibilidades da obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. A escolha da obra se justifica, entre outras coisas, pelo fato de ter grande destaque na literatura brasileira, especialmente em função de se configurar enquanto uma literatura regionalista, com focos e representações geográficas que podem despertar o interesse dos alunos em conhecer e reconhecer o seu espaço, com vista nas representações do espaço em que está inserido na nossa região. Com relação a isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ressaltam que:

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço (BRASIL, 1998, p.33).

Escolhemos o escritor Graciliano Ramos por apresentar uma obra que enfoca o Nordeste, com temas que aproximam a realidade dos sertanejos relacionados à seca, pois como diz Almeida (2008, p.117) “a seca de água, de sonhos, de prazeres, de conhecimentos, de comida e da própria vida. A sobrevivência, a submissão ao poder da natureza, da força policial, do mandonismo patronal”, para representar o Nordeste e o povo que ali se encontra.

Muitos são os clássicos da nossa literatura brasileira, representados por grandes autores que trazem consigo percepções que podem ser verificadas nas obras, como: o romantismo, o idealismo, o simbolismo, o catolicismo, o modernismo etc. Alguns até contam suas próprias vivências nas obras, deixando claro o período (tempo) em que se passa a história e como o homem influência e é influenciado em seu meio. “A literatura, em poesia ou em prosa, provoca a alma humana que busca imagens apagadas, imagens de uma realidade passada ou presente, que está relacionada a um espaço e que volta, contrariando a passagem do tempo” (ALMEIDA, 2008, p.135).



Esses autores também colocam a natureza e seus elementos dentro de seus escritos, tendo como referência a noção de paisagem literária. Portanto, é a partir daí que vislumbramos a relação entre geografia e literatura em sala de aula, usando os elementos geográficos encontrados na obra literária “Vidas Secas” de Graciliano Ramos para serem trabalhados em sala de aula, tendo em vista que os mesmos podem subsidiar o processo de construção de conceitos em geografia.

Partindo das experiências pessoais e sociais, o artista recria a realidade, dando origem a uma outra realidade ou a uma realidade ficcional. Por meio dessa outra realidade, ele consegue transmitir seus sentimentos e idéias ao mundo real de onde se origina. A reação do público a obra também pode modificar atitudes futuras do artista. Assim, a obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade. E, como outras obras de arte, ela não só nasce vinculada a certa realidade, mas também pode interferir nela, contribuindo no processo de transformação social (BARRETO, 2008, p.15).

É de grande importância, nesse sentido, utilizar as obras literárias em sala de aula, pois como diz Barreto (2008), são experiências contadas por autores, trazendo uma realidade seja ficcional ou real, fazendo com que o aluno procure pesquisar sobre o tema em questão e tudo o que está relacionado a ele, despertando curiosidade e interesse em conhecer o espaço contido na obra para relacionar ao espaço cotidiano, pois os alunos não lêem nenhuma obra literária ou um livro por completo se não tiver algum incentivo, incentivo esse que deve partir do professor.

[...] nossa classe de adolescentes leu *Vidas seca* como cumprimento de tarefa escolar. Discutimos a obra em sala, e a impressão geral não foi muito favorável. O livro não nos oferecia uma "aventura", propriamente; o "enredo" era meio solto e praticamente não havia diálogos. Mas o episódio da morte da Baleia (e uma ou outra passagem com alguma força anedótica) fizera-nos respeitar um escritor capaz de comover a gente (VILLAÇA, 2007, p.03).

A obra chega aos alunos como diz Villaça (2007) por incentivo dos professores, fazendo com que a leiam, mas, de início não traz nenhum interesse em sua leitura, pois como fala de um grupo familiar, pai, mãe, filhos, animais domésticos e pertences pessoais, o autor não deixa nenhum tipo de emoção que cativa o leitor a investigar o romance. Com isso, cabe ao professor incentivar e buscar através da leitura a ligação entre o leitor e a obra, dando-lhes

significados interessantes dentro do conteúdo, procurando representações para dá início a uma boa aula, utilizando a leitura literária dentro da aula de geografia.

Para a compreensão e análise das representações geográficas contidas no romance de Graciliano Ramos, faz-se necessário o conhecimento de alguns elementos relativos à obra, ou seja, a identificação dos elementos geográficos contidos na obra em análise, que são: a questão da seca vivida pelos personagens, o processo de migração, a luta pela sobrevivência, o poder e autoritarismo representado pelo soldado e o senhor dono da terra, a fauna e a flora predominantes no contexto da obra, entre outras coisas como fala Almeida:

[...] a marginalização do sertanejo, vista pelo resto do país como um semi-animal; a submissão a que se sujeita a família de Fabiano; a miséria física e intelectual; a subnutrição dos personagens, faz com que o homem lute apenas para estar vivo, sem se importar com a existência de uma cultura sistematizada (2008, p.122 – 123).

Graciliano traz várias representações geográficas em sua obra, cabendo ao professor saber lidar e apresentar aos alunos de forma que compreendam e saibam interpretar aquilo que está lendo. Ressaltando que não é o gosto pela literatura que conduz ao processo de aprendizagem geográfica, mas a abordagem que o professor faz da obra literária, tendo em vista o desenvolvimento de temáticas da geografia a partir dos textos literários. Com relação a isso Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 219) falam que:

Uma das grandes dificuldades dos alunos de qualquer nível de ensino, até mesmo dos que chegam ao ensino superior, refere-se à leitura e análise de textos. As atividades escolares, via de regra, envolvem pesquisa, trabalhos escolares, seminários, que sempre implicam a atividade de ler e analisar textos e documentos. Muitas vezes, as dificuldades de leitura e atendimento de textos levam os alunos a uma atitude de desânimo perante os estudos.

Como dizem Pontuschka, Paganelli e Cacete uma das maiores dificuldades dos alunos em sala de aula é a falta de leitura e interpretação, com isso, cabe ao professor como intermediário ao conhecimento do aluno conseguir fazer com que ele seja capaz de ler e interpretar o que lhe foi proposto em sala, levando-lhes motivação para realizar seu conhecimento, seja dentro ou fora de sala. Mas será dever do professor de geografia ensinar o aluno a ler e interpretar as representações nos textos relacionando geografia e literatura? Isso não seria tarefa do professor de Língua Portuguesa? Essas frases são colocadas por muitos

professores, fazendo com que o dever de ensinar a ler e interpretar essas representações sejam somente do professor dessa categoria, mas cabe ao professor de qualquer disciplina fazer com que o aluno se interesse pelo aprendizado que lhe é colocado. Pensando essas questões Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p 219) comentam:

Cabe ao professor de qualquer disciplina motivar o aluno a encarar os estudos como uma tarefa significativa e interessante. Se o aluno apresenta dificuldades em ler, analisar e redigir textos, é importante a orientação docente. O argumento comumente utilizado de que “não somos professores de Língua Portuguesa” não se justifica. Em qualquer disciplina, também em Geografia, é possível orientar os alunos para a melhor maneira de estudar um texto, desenvolvendo a capacidade de lidar com essa forma de comunicação e ampliando a possibilidade de compreender a realidade social com maior profundidade.

Trabalhar literatura nas aulas de geografia não é uma tarefa muito fácil para o professor, pois se devem colocar em questão diversos aspectos que dificultam essa prática. O primeiro contato do aluno com qualquer texto ou obra relacionando a literatura nas aulas de geografia, vai trazer algumas perguntas do tipo, “nós estamos na aula de geografia ou literatura (Português)? “O que tem a ver geografia com literatura?”, essas e outras questões são colocadas pelos alunos ao veem um professor de geografia trabalhando literatura em suas aulas. Temos que saber como trabalhar com essa metodologia, esclarecendo o objetivo da aula, o conteúdo que está sendo apresentado e o que buscamos ao desenvolvermos esses conteúdos.

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever e comparar servem para construir noções, especializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência produz (BRASIL, 1998, p.30).

Bastos (2009) diz que existem outros autores da literatura que podem ser trabalhados em sala pelo professor de Geografia, como por exemplo, Machado de Assis, Lima Barreto, Jorge Amado e muitos outros. Colocando a literatura como ferramenta de apoio a aprendizagem do aluno, pois não são apenas os elementos físicos e biológicos que contribuem

para essa aprendizagem, mas também os elementos sociais, humanos, econômicos, históricos representados nessas obras.

Tendo como referência a obra que estamos analisando, cabe indicar as expectativas de aprendizagem que envolvem a geografia e a literatura em sala de aula. Pois, o importante não é a escolha do autor, mas sim a temática a ser trabalhada. “Para tanto, o professor deverá ter clareza de método e objeto na escolha e no modo de trabalhar seus temas e conteúdos. É essencial que não perca de vista que seu objeto de estudo e de ensino é o espaço geográfico: seu território, paisagens e lugares” (BRASIL, 1998, p.40).

A maior expectativa que se espera em trabalhar geografia e literatura em sala de aula é a compreensão do espaço que o aluno está inserido, valorizando o seu lugar, as paisagens que o rodeiam, a sociedade, o meio natural entre outras coisas. E a literatura é de grande ajuda nesse aspecto, pois como falam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 236) “A literatura é fonte de prazer, mas não é só isso. É igualmente modo de conhecer o mundo. Nós não teríamos condições de conhecer o mundo, o todo da vida dos homens, apenas no curto período de tempo de nossas vidas”.

A literatura é colocada como uma disciplina que valoriza nosso espaço, onde é vista as palavras que o autor coloca em seus escritos, dando formas e características de alguns lugares que não conhecemos, como por exemplo, a visão relativa do Nordeste pela população da região Sul e Sudeste, onde veem o Nordeste como lugar de seca, de miséria, de condições de vida muito precárias, de fome e etc.

Essa visão é tida devido às fontes de informações que os levam a pensar e imaginar dessa maneira, principalmente ao falar dos sertanejos. Pois a mídia muitas vezes coloca uma visão totalmente diferenciada da que temos em nosso cotidiano, desvalorizando o que temos, atribuindo valores que deixaram de existir a muito tempo. Pois como fala Almeida (2008, p.114) “A posição do Nordeste para o mundo é de atraso social e tecnológico. As bases constitutivas da formação social são coloniais e subordinadas aos outros estados do Sul e Sudeste do país e o principal fator dessa dependência é o clima”.

O professor de geografia seguindo essa trajetória de fatos pode ministrar uma ótima aula, partindo da representação criada através do imaginário do aluno, onde podem ser realizadas diversas atividades para interagir o aluno com seu meio a partir do que pensa sobre o seu lugar, seu espaço, seu território, construindo conceitos, valorizando o que tem, o que tinham e o que venha a ter, diferenciando o seu povo, comparando com outras regiões e enfim, discutindo fatos sociais e econômicos que geram debates dentro da sala de aula, como

por exemplo, discutir as ações governamentais que contribuíram a melhorar a situação econômica do Nordeste.

A compreensão do texto literário torna-se possível não só pelo auxílio da teoria literária, a ser trabalhada com os alunos a fim de fornecer-lhes um instrumento, como também pela quantidade e pelo aprofundamento de informações sobre o contexto em que se dá a trama vivida pelas personagens (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE 2009, p 237).

No caso da obra de “Vidas Secas” temos diversos tipos de conceitos, símbolos, signos e ícones que podem ser trabalhados pelo professor de ensino fundamental, dando destaque à obra pela referência em questão, aos aspectos que são atribuídos dentro do conteúdo, os personagens que representam um papel fundamental dentro da obra, a fauna e a flora que ficam bem claros e que podemos diferenciar de acordo com a leitura, a paisagem que sucede o lugar percorrido pelos personagens, o próprio lugar, o meio em que vivem e o meio natural.

A linguagem escrita pelo autor não é só uma forma de expressão, mas também é uma forma de comunicação entre o leitor e a obra escolhida como afirma Bastos (2009) “Adotando a orientação de que a linguagem não é simplesmente um meio de expressão, mas um meio de comunicação, vivências e experiências a partir dos discursos científicos e literários”, a linguagem aqui relatada traz uma relação entre o leitor e o autor, dando ênfase no que o autor tenta passar nos seus escritos, criando através de seu texto uma linguagem de fácil entendimento a quem vai ler.

Portanto, a geografia vê na literatura uma grande expectativa de aprendizagem do aluno em sala de aula, fazendo com que ele se interesse e busque através da literatura uma fonte de prazer e curiosidade em conhecer outro espaço diferente do que ele está acostumado no seu campo de aprendizagem.

#### **4.2 - Ensino de Geografia e Literatura: uma proposta didática**

Partindo das possibilidades de desenvolvimento do ensino de geografia, tendo como referência a obra literária de Graciliano Ramos “Vidas Secas”, propomos, a partir de agora, uma atividade que oriente o processo de ensino, tendo em vista a participação e interação do aluno com as representações dos elementos geográficos apresentados dentro do romance.

Mas, como trabalhar geografia e literatura em um mesmo contexto? Como ensinar geografia usando uma obra literária? É a partir dessas perguntas que indicaremos atividades que contribuam com a aprendizagem do aluno utilizando a literatura como suporte para a geografia em sala.

Tendo como referência as limitações de tempo e espaço que esse trabalho monográfico comporta, propomos aqui um quadro didático com possibilidades de ensino a partir do primeiro capítulo que compõe a obra em análise: “Mudança”. Apresentaremos objetivos, procedimentos, atividades e avaliações para trabalharmos com alunos do segundo segmento do ensino fundamental. O quadro em questão apresenta um conjunto de procedimentos de ensino-aprendizagem de geografia, tendo como referência a leitura do romance.

**Quadro 1 - Quadro Didático.**

<b>OBJETIVOS</b>	<b>PROCEDIMENTOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
1. Desenvolver a habilidade de leitura e interpretação geográfica.	Usar a leitura do primeiro capítulo para discutir os elementos geográficos contidos na obra.	Listar os termos geográficos verificados ao longo do texto e atribuir definições para os mesmos.	O grau de envolvimento do aluno em discutir sobre os elementos geográficos em sala de aula.
2. Mapear as temáticas geográficas apresentadas na obra.	Refletir a partir dos fenômenos geográficos apresentados na obra.	Debate em sala de aula diferenciando os elementos geográficos visíveis e invisíveis da obra.	Participação ao interagir nas temáticas discutidas na roda de debate.
3. Relacionar as representações geográficas contidas na obra com o cotidiano dos alunos;	Usar os conceitos construídos pelos alunos e refletir sobre as temáticas.	Construir textos com os alunos envolvendo as temáticas apresentadas na obra.	Apresentar os textos construídos em sala.
4. Desenvolver o conceito de Seca, enquanto fenômeno natural e social.	Discutir questões relacionadas à seca.	Pesquisar sobre políticas públicas e seus benefícios.	Apresentar trabalhos em forma de seminários questionando a questão da seca no semiárido nordestino.

**Fonte: Acervo da autora, 2013**

Como primeiro objetivo, colocamos a discussão dos elementos geográficos contidos na obra, tendo como base a identificação dos mesmos. Como atividade didática a leitura irá possibilitar a aprendizagem de o aluno identificar alguns conceitos, listando a partir dos elementos encontrados no texto. Essa lista pode ser exposta no quadro negro, recurso

disponível em todas as escolas. A avaliação do primeiro objetivo proposto se dará a partir da observação do grau de envolvimento que o aluno tem em identificar conceitos e expor opiniões acerca das características geográficas da obra.

Mas como esses elementos podem ser trabalhados, tendo como referência o capítulo em discussão? Esses elementos podem ser trabalhados de uma forma que envolva o aluno a participar, chamando sua atenção para interagir na aula. Para isso, é necessário que o professor faça um recorte da obra, limitando-os apenas para a leitura do primeiro capítulo, em seguida, pode-se apresentar trechos da obra para discutir na aula. Mas que trechos ou discussões desenvolvidas no capítulo auxiliam no aprendizado das temáticas geográficas representadas em vidas secas?

No primeiro parágrafo o autor traz o trecho sobre a caminhada da família, significando o processo de mudança dos personagens.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sobra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (RAMOS, 2011, p. 09).

A partir desse trecho podemos trabalhar o processo migratório dos personagens em questão, assim como a flora, a fome, a estiagem, a seca, a caatinga do semiárido, entre outros elementos representados durante o capítulo. A leitura alternada entre os alunos auxilia na concentração da turma no objetivo e na participação de todos os alunos no processo.

No segundo objetivo colocamos a necessidade de mapear as temáticas geográficas apresentadas na obra, ou seja, retirar do romance, juntamente com os alunos o que para eles seriam temas geográficos, refletindo os conceitos a partir do conhecimento do próprio aluno, tendo como referência os seus conceitos cotidianos. Como atividade didática propomos uma roda de debate, refletindo os elementos visíveis expostos na obra, pois o professor mostrará esses elementos visíveis expostos perante o capítulo e relacionará também os elementos invisíveis, enriquecendo a aprendizagem colocada na discussão. Para avaliação sugerimos avaliar o aluno a partir da participação ao interagir as temáticas em debate.

Esses elementos podem ser trabalhados retirando-os do texto e como no objetivo anterior, apresentar-los no quadro negro, fazendo-se necessário relacionar com os elementos invisíveis que também fazem parte da discussão. Um dos trechos que traz essa questão de elementos invisíveis é: “Tinham deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (RAMOS, 2011, p.10). Nesse trecho apresentam elementos como a flora representada por cactos, entre outros elementos visíveis, também apresenta os invisíveis como o solo e a temperatura, fazendo a discussão a partir dessas temáticas, envolvendo-as no debate.

O terceiro objetivo oferece relacionar as representações geográficas contidas na obra com o cotidiano dos alunos, construindo a partir do conhecimento do próprio aluno conceitos relacionados com as temáticas, ou seja, a partir do conhecimento prévio do aluno sobre determinado tema, ele desenvolverá seu próprio conceito para definir a temática em questão, como por exemplo, o que para ele seria a seca, como descrevê-la, como combatê-la. Para a atividade construiremos textos envolvendo essas temáticas em sala. Já como avaliação os alunos apresentarão os textos para toda a turma, definindo os conceitos construídos por eles.

Os elementos contidos nesses objetivos podem ser trabalhados a partir do conhecimento dos alunos adquiridos em sala de aula, referente às temáticas que aprenderam com a leitura e discussão do capítulo em questão. Um dos trechos que trazem essas temáticas para instigar o aluno na sua aprendizagem de conceitos geográficos a partir de seu conhecimento é: “Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando no chão, bebeu muito” (RAMOS, 2011, p. 14). Esse trecho faz referência ao homem do semiárido nordestino, que tem o costume de cavar a areia em busca de água no período de seca, portanto, a partir disso, o aluno apresenta conceitos relacionando os elementos encontrados dentro desse trecho, como: a seca predominante no semiárido, a sede devido à seca, entre outros elementos culturais, como cacimbas, poços e açudes secos que se apresentam na sua realidade.

E por fim, o quarto objetivo tem como sugestão desenvolver o conceito de Seca, enquanto fenômeno natural e social. Refletindo a questão da seca dentro do semiárido nordestino, discutindo questões que envolvam a participação do aluno em questionar políticas públicas voltadas para o combate a seca, fazendo com que o aluno pesquise sobre as ações dos governos contra a seca. Para avaliação da aprendizagem dos alunos propomos uma



apresentação dos trabalhos pesquisados em forma de seminários sobre políticas públicas, como combater a seca no semiárido nordestino e se eles pudessem contribuir com o combate à seca, qual seria a sua atitude em relação a isso?

O principal elemento geográfico nesse objetivo é a seca, fazendo-se necessário discutir essa questão e formar novos conceitos a partir da aprendizagem adquirida em sala de aula, relacionando também políticas voltadas ao combate à seca no semiárido. Um dos trechos em que se faz necessário a ação do governo para ajudar os sobreviventes da obra é: “Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 2011, p. 11). Esse trecho representa as necessidades que a família passava, buscando um lugar digno para sobreviver, assim como a busca por comida, fazendo relacionar as políticas voltadas para a população na época em que a obra foi escrita e relacionando com as atuais.

Para que os objetivos sejam concretizados a partir do texto em debate, o professor deve relacionar o cotidiano do aluno à obra, como já foi mencionado, pois o professor deve interagir o meio em que o aluno vive ao tempo em que foi inscrito a obra, relacionando o tempo passado com o atual. Buscando formar conceitos, temática para questionar em sala de aula, fazendo referência da obra para envolver o aluno com o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia.

Sobre os objetivos construídos para envolver o aluno em sala de aula, os PCNs abordam que:

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever e comparar servem para construir noções, espacializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência, produz (BRASIL, 2008, p.30).

Portanto, a leitura, a reflexão, a discussão e o debate apresentados no quadro, vem construir e apresentar a literatura como uma metodologia de ensino nas aulas de geografia, colaborando com a aprendizagem do aluno, relacionando temas e desenvolvendo práticas em sala de aula. Apresentando e sugerindo procedimentos didáticos para envolver o aluno e

também o professor a trabalhar com a interdisciplinaridade, desmitificando as aulas de geografia como conteúdos cansativos e de "decoreba".

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização dessa pesquisa procuramos refletir sobre as relações entre geografia e literatura. Buscamos, especificamente, discutir a utilização da literatura como metodologia de ensino nas aulas de geografia, apresentando conceitos, abordagens e temáticas acerca dos elementos geográficos encontrados na obra “Vidas Secas” do escritor regionalista Graciliano Ramos.

Tendo como referência essas questões, pudemos constatar uma dimensão espacial entre geografia e literatura, a partir da identificação de representações geográficas em obras literárias, mas especificamente na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Consideramos, dessa forma, que a obra traz elementos visíveis (simbólicos) para trabalhar a geografia em sala de aula, gerando a possibilidade de o professor trabalhar esses elementos em sua aula.

Colocamos nesse trabalho a literatura como uma forma de linguagem e compreendemos os elementos geográficos representados na obra, como paisagem literária. A literatura é vista dessa maneira, como uma ferramenta que contribui nas aulas de geografia, incentivando a partir da reflexão e do imaginário do aluno, resgatando os elementos que os autores colocam nos textos para desenvolver possibilidades e métodos de aprendizagem através da literatura.

Com isso constatamos também que, o professor de geografia deve elaborar novas metodologias para trabalhar em sala de aula, criando um ambiente propício a aprendizagem dos alunos, interagindo novos métodos e novas temáticas para refletir junto aos alunos.

Como foi visto no trabalho, o foco principal é trabalhar a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos nas aulas de geografia, porém ficou claro que poderia ser qualquer outra obra literária que abordasse temas referentes a geografia. Essa obra apresenta diversas temáticas e assim como Graciliano temos diversos autores que trabalham com o Nordeste brasileiro. Colocamos um quadro de atividades e procedimentos de ensino-aprendizagem que buscam apresentar objetivos, procedimentos, atividades e avaliações para trabalhar uma obra literária nas aulas de geografia. Trabalhamos com o primeiro capítulo da obra de Ramos “Mudança”.

Portanto, apreendemos que literatura e geografia em sala de aula são possíveis a partir do posicionamento do professor em sala, questionando e refletindo a temática em questão, valorizando a obra literária e construindo conceitos e temáticas que fazem parte da realidade do indivíduo. Incentivando a leitura literária e desenvolvendo possibilidades para trabalhar com conceitos a partir do imaginário ou do conhecimento prévio do aluno nas aulas de geografia.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Ecosistemas do Brasil**. Metalivros. - São Paulo, 2006.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Dossiê do nordeste seco – Estudos Avançados, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n36/v13n36a02.pdf>>. Acessado em: 22 nov. 2012.
- ALMEIDA, Maria da Penha Pereira de. Poder e autoritarismo em vidas secas e a relação com o Nordeste brasileiro. In: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. **ESPAÇO INTERDISCIPLINAR: Literatura, Meio Ambiente e Relações Sociais**. – Recife; Baraúna, 2008.
- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica, em Graciliano Ramos e Miguel Torga. In: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. **ESPAÇO INTERDISCIPLINAR: Literatura, Meio Ambiente e Relações Sociais**. – Recife; Baraúna, 2008.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A problemática da seca**. Recife: Líber, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Geografia Econômica**. – 12. Ed. – São Paulo: Atlas, 1998.
- ARAÚJO, Kárita de Fátima. ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. 1915: A seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz. In: **Estúdios Históricos** – CDHRP- Diciembre 2009 - N° 3 – ISSN: 1688 – 5317. Disponível em: <[http://www.estudioshistoricos.org/edicion\\_3/araujo-martins.pdf](http://www.estudioshistoricos.org/edicion_3/araujo-martins.pdf)>. Acessado em: 19 agos. 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. 4ª Ed. São Paulo, 1998.
- BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço Lugar e Literatura: o olhar geográfico Machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro**. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, Jan./Jun. de 2009. Disponível em: <[http://www.e-publicacoes\\_treinamento.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3562/2482](http://www.e-publicacoes_treinamento.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3562/2482)>. Acessado em: 10 jan. 2013.
- BARRETO, Sônia Maria Russo. O ensino de literatura: **Práticas correntes e propostas didáticas**. Monografia do curso de especialização. UFCG, 2008. Disponível em: <[www.historia.uff.br/stricto/tesesdata.php](http://www.historia.uff.br/stricto/tesesdata.php)>. Acessado em: 05 jul. 2012.
- BASTOS: Ana Regina. **A literatura e o ensino de outras disciplinas escolares**. Publicado em 29/09/2009. Disponível em: <[http://www.revista.vestibular.uerj.br/artigo/artigo.php?seq\\_artigo=9](http://www.revista.vestibular.uerj.br/artigo/artigo.php?seq_artigo=9)>. Acessado em: 25 mai. 2012.
- BATISTA, Michelangelo Bezerra. **“VIDAS SECAS”, “Nordeste Seco”**: uma construção regionalista em Graciliano Ramos. Disponível em:

<[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/20Michelangelo%20Bezerra%20Batista%20tc.pdf](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/20Michelangelo%20Bezerra%20Batista%20tc.pdf)>. Acessado em: 05 mai. 2013.

BASTISTA, Orlando Antunes. **Saberes para a educação do futuro**, São Paulo: editora Omnia, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. - 13 ed. reform. e ampl. - São Paulo: Saraiva, 2002.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira** – 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANDÃO, Carlos R. **Identidade e etnia**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROSSEAU, M. **Des Romains - géographes** – Essai. Paris: L'Harmattan, 1996.

CAMPOS, José Nilson Beserra. Vulnerabilidade do semi-árido às secas, sob o ponto de vista dos recursos hídricos. **Projeto áridas: Uma Estratégia de Desenvolvimento Sustentável para o Nordeste**. - GT II - Recursos hídricos: Versão Preliminar, setembro de 1994. Disponível em:

<[http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/606/GT\\_2\\_Tema\\_2.3\\_-\\_Vulnerabilidade\\_do\\_SemiA0s\\_Secas,\\_sob\\_.pdf](http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/606/GT_2_Tema_2.3_-_Vulnerabilidade_do_SemiA0s_Secas,_sob_.pdf)>. Acessado em: 13 jun. 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e historia literária**. – 11ª Ed. Ouro sobre Azul. – Rio de Janeiro, 2010.

CASTAGNINO, Raúl H. **Que é Literatura?** Natureza e Funções da literatura. Tradução: Luiz Aparecido Caruro. Editora MestreJou – São Paulo: 1ª Edição em Português – 1969.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade** – 1 ed. 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** (o dilema brasileiro: pão ou aço) – 10ª Ed. Revista. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

\_\_\_\_\_. **Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil** – 19ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COUTINHO, Afrânio. COUTINHO, Eduardo de Faria. **Introdução Geral**. – 7ª ed. rev. e atual. – São Paulo: Global, 2004.

DUARTE, Renato. Seca, pobreza e políticas públicas no Nordeste do Brasil. In: **Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais** (CLACSO), 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar//clacso/gt/20101030020924/16duarte.pdf>>. Acessado em: 02 dez. 2012.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução/tradução Waltensir Dutra; revisão da tradução João Azenha – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997. – (ensino Superior).

\_\_\_\_\_. **Teoria da Literatura**: uma introdução/ tradução Waltensir Dutra; revisão da tradução João Azenha – 6ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006 – Biblioteca Universal.

EL-JAICK. Silmar Lannes. **Graciliano Ramos**: A narrativa social como reflexão. Tese de doutorado em literatura comparada: Niterói, 2006. Disponível em: <[http://www.btdt.ndc.uff.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1481](http://www.btdt.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1481)>. Acessado em: 29 abr. 2013.

FACULDADE CATÓLICA RAINHA DA PAZ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). **Padrão FCARP de normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos de conclusão de curso, monografias e trabalhos acadêmicos. 3.ed. rev. Ampl. Atual. Araputanga, MT: FCARP, 2012. Disponível em: <<http://www.fcarp.edu.br>>. Acessado em 22 mai. 2013.

FUNDO CONSTITUCIONAL DE FINANCIAMENTO DO NORDESTE – **Programa Regional**. Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 2012. Disponível em: <[http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/sobre\\_nordeste/fne/docs/programacao\\_fne\\_2012.pdf](http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/sobre_nordeste/fne/docs/programacao_fne_2012.pdf)>. Acessado em: 10 mai. 2013.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste Brasileiro**. – 3ª edição. – brasiliense, 1985.

GEORGE, Pierre. Geografia econômica. Rio de Janeiro: Forense, 1965.

GERMANO, Patrícia Gomes. **ESPAÇO INTERDISCIPLINAR**: Literatura, Meio Ambiente e Relações Sociais. Organizadores: Maria do Socorro Pereira de Almeida e Sérgio Luiz Malta de Azevedo. – Recife; Baraúna, 2008.

GONÇALVES, Magaly Trindade. BELLODI, Zina C. **Teoria da Literatura**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUERRA, O. **A batalha das secas**: o Nordeste e a missão do Departamento Nacional de obras Contra as Secas. Natal: Centro de Imprensa, 1950. (Coleção Cadernos do Centro de Estudos Sociais, n.1).

LOPES, Idelfonso Simões. **As secas do Nordeste**. Mossoró/RN: ESAM, 1990. (Coleção Mossoroense, n. 764). (Reimpressão de documento de 1933).

MALTCHIK, L. **Ecologia dos rios intermitentes tropicais**. Grupo Ecologia de Rios do Semi-Árido. - Departamento de Sistemática e Ecologia, Universidade Federal da Paraíba, 1998. Disponível em: <<http://www.ib.usp.br/limnologia/Perspectivas/arquivopdf>>. Acessado em 27 de abril de 2013.

MARTINS, Ivanda. **Para Ensinar e Aprender Geografia** (ORG) Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli. Núria Hanglei Cacete. – 3ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2009 – (coleção docência em formação).

MEDEIROS, Antônio Dantas. SOUZA, Virginia Célia Cavalcante. **Elos possíveis entre o ensino de geografia e a literatura de Cordel**. - Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Centro de Ciências Humanas - CCH. Revista Homem, Espaço e Tempo: Setembro de 2008 ISSN 1982-3800. Disponível em: <[http://www.uvanet.br/rhet/artigos\\_setembro\\_2008/elos\\_possiveis.pdf](http://www.uvanet.br/rhet/artigos_setembro_2008/elos_possiveis.pdf)>. Acessado em: 14 mai. 2013.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. – 7ª Ed. – São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1994.

\_\_\_\_\_. **A criação literária: poesia**. – 9ª Ed. rev. e aum. – São Paulo: Cultrix, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Análise Literária**. – 6ª Ed. – São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1981.

MOREIRA, Dimitri Salum. SILVA, Marcelo José da. FERREIRA, Renato J. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado** / Elza Yasuko Passini, Romão Passini, Sandra T. Malysz, (organizadores). – 2ª Ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Humberto Miranda do. SEMIÁRIDO BRASILEIRO E BAIANO: Dimensão Territorial e Estratégia de Desenvolvimento. In: **Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. n 48. Campo Grande - SP, 2010. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/1199.pdf>>. Acessado em: 20 mai. 2013.

NEVES, Ângelo Maciel Baeta. et al. **O produtor rural e o Rio Grande do Norte semiárido: sugestões para conviver melhor com as secas**. – Natal: SEBRAE/RN, 2012. Disponível em: <[http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/Arquivos\\_ChronuS/bds/bds.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/Arquivos_ChronuS/bds/bds.pdf)>. Acessado em: 18 jan. 2013.

NEVES, Frederico de Castro. **Getúlio e a seca: Políticas Emergenciais na era Vargas**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 40, p. 107-131, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n40/a06v2140.pdf>>. Acessado em: 29 mai. 2013.

PASSADOR, Claudia Souza. PASSADOR, João Luiz. **Apontamentos sobre as políticas públicas de combate à seca no Brasil: cisternas e cidadania?** Cadernos Gestão Pública e Cidadania / v. 15, n. 56, São Paulo: 2010. Disponível em: <[bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/download](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/download)>. Acessado em: 20 mai. 2013.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes. MACHADO, Thiago Adriano. **Programa um milhão de cisternas rurais no Nordeste Brasileiro: Políticas Públicas, Desenvolvimento Sustentável e Convivência com o semiárido**. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009, p. 1 - 25. Disponível em:



<[http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Pontes\\_ETM.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Pontes_ETM.pdf)>. Acessado em: 20 mai. 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia** – 3ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2009 – (coleção docência em formação).

POUND, Ezra. **Abc da Literatura**. – 3ª Ed. Editora Cultrix: São Paulo, 1982.

PROGRAMA DE AÇÃO NACIONAL DE COMBATE À DESERTIFICAÇÃO E MITIGAÇÃO DOS EFEITOS DA SECA – **PAN-Brasil**, 2005. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr\\_desertif/\\_arquivos/pan\\_brasil\\_portugues.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr_desertif/_arquivos/pan_brasil_portugues.pdf)>. Acessado em: 01 Mai. 2013.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO: **Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC)**. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/>>. Acessado em: 18 mai. 2013.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. – 115ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: Introdução à ciência geográfica** – São Paulo: Avercamp, 2008.

ROSS, Jurandyr L. Sanches. **Geografia do Brasil**. – 5. Ed. rev.e ampl. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (Didática; 3).

RUGGIERO, Sílvia M. Artigo: **Vidas Secas**. CPV Educacional. Disponível em <[http://www.cpv.com.br/cpv\\_vestibulandos/dicas/livros.pdf](http://www.cpv.com.br/cpv_vestibulandos/dicas/livros.pdf)>. Acessado em: 22 Mai. 2012.

SÁ, Iêdo Bezerra. ET AL **Desertificação no Semiárido brasileiro**. ICID+18, Fortaleza - Ceará, Brasil. 16-20 de Agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.icid18.org/files/articles/662/1278970091.pdf>>. Acessado em: 06 Agos. 2012.

SAIKI, Kim. GODOI, Francisco Bueno de. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado** / Elza Yasuko Passini, Romão Passini, Sandra T. Malysz, (organizadores). – 2ª Ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, Edinardo. ET AL. **A seca no Nordeste no ano de 2012**: Relato sobre a estiagem na região e o exemplo de prática de convivência com o semiárido no distrito de Iguaçu/Canindé-CE. Revista Geonorte, Edição Especial 2, v.1, n.5, p. 819 – 830, 2012. Disponível em: <[http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/attachments/013\\_pdf](http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/attachments/013_pdf)>. Acessado em: 14 fev. 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. – 4ª Ed. 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006 – (coleção Milton Santos:1).

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção.** – 3ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** – 4ª ed. Editora Hucitec: São Paulo, 1996.

SCILIAR, Moacyr. **Os melhores contos de Moacyr Sciliar.** (Org) Regina Zilberman. – São Paulo: Global, 2ª Ed., 1986.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento.** – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **ENTRE DOIS PARADIGMAS: combate à seca e a convivência com o semi-árido.** ARTIGO. Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v18n1-2/v18n1a16.pdf>>. Acessado em : 06 Abr. 2013.

SOUZA, Eliene Domingas de. SOUZA, Josefa Edilani de. Artigo: **A diversidade cultural no meio geográfico.** Anais do IV Fórum Identidades e Alteridades - GEPIADDE/UFS/Itabaiana - ISSN 2176-7033. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao>>. Acessado em: 26 Jun. 2012.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da Literatura.** 7ª Ed. – serie princípios. Editora Ática, 1986.

SOUZA, Luciana Cristina Teixeira de. Artigo: **A percepção geográfica do espaço sertanejo sob o olhar de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa: uma possibilidade metodológica de interpretação do espaço.** Disponível em: <<http://www.seara.uneb.br/sumario/professores/lucianacristina.pdf>>. Acessado em: 13 jun. 2012.

SUMÁRIO EXECUTIVO. **Pesquisa Qualitativa** - Meta Instituto de pesquisa de opiniões – Presidência da Republica/Secretaria de comunicação social: Regular Bimestral II, Setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/pesquisas/2009-09-governo-regular-ii/2009-09-avaliacao-de-programas-e-acoes-de-governo-regular-ii-sumario-executivo.pdf>>. Acessado em: 11 mai. 2013.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade.** AATR – BA, 2002. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a\\_pdf/03\\_aatr\\_pp\\_papel.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf)>. Acessado em: 22 mai. 2013.

VESENTINI, José Willian. **O ensino de geografia no Brasil XXI.** – Campinas, SP: Papirus, 2004. – (Coleção Papirus Educação).

VILLAÇA, Alcides. **Imagem de Fabiano.** Estud. av. vol.21 nº 60 São Paulo Mai/Ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>> Acessado em: 16 out. 2012.

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luís Carlos Borges; revisão da tradução Silvana Vieira; revisão técnica Valter Lellis Siqueira. – São Paulo: Martins Fontes, 2003 – (coleção leitura e crítica).

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. – 11ª Ed. São Paulo: Global Editora e distribuidora, 2003.